



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

**ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

**IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DE EMPRESAS EM VILA POUCA DE
AGUIAR**

Diana Ferreira de Sousa

Relatório de estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de
Empresas

Orientada por

Professora Doutora Paula Odete Fernandes

Professora Doutora Ana Sofia Cardim Barata

Vila Pouca de Aguiar, dezembro de 2024.



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

**ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

**IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DE EMPRESAS EM VILA
POUCA DE AGUIAR**

Diana Ferreira de Sousa

Relatório de estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de
Empresas

Orientada por

Professora Doutora Paula Odete Fernandes

Professora Doutora Ana Sofia Cardim Barata

Vila Pouca de Aguiar, dezembro de 2024.

Resumo

O empreendedorismo, concretamente a criação de empresas, é um dos principais fatores para o crescimento económico, para a criação de emprego, para o estímulo da inovação e para a melhoria da competitividade global das empresas e dos mercados. O objetivo principal desta investigação é analisar a importância que o empreendedorismo tem numa região industrialmente pouco desenvolvida, nomeadamente, no concelho de Vila Pouca de Aguiar.

Neste estudo foi utilizada uma abordagem pesquisa quantitativa. O tratamento e a análise de dados revelaram que os quatro setores de atividade com maior taxa de sobrevivência, entre 2016 e 2021, no concelho de Vila Pouca de Aguiar foram a *Construção*, seguida do *Comércio por Grosso e a Retalho*, *Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico*, seguida das *Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares* e por último das *Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio*. Para além disso também se notou que mesmo que alguns setores tenham conseguido adaptar-se e aumentar o seu número de empresas, mesmo durante a pandemia, a economia local enfrentou alguns desafios, de que são exemplos a redução do número de empregos e do volume de negócios, sugerindo que as empresas tiveram que diminuir os seus custos e procurar formas de se manterem ativas em um ambiente económico desafiador. O estudo também realça a importância que as medidas de apoio criadas pelo município tiveram na criação de empresas durante a pandemia da Covid-19, permitindo assim diminuir os efeitos provocados por esta nas mesmas, como por exemplo a criação de um Fundo de Emergência de Apoio às microempresas destinando uma quantia orçamental de 150 mil EUR, a isenção e redução do pagamento de rendas de concessão de lojas, isenção e redução nas tarifas de abastecimento de água, saneamento e gestão de resíduos.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Covid-19, medidas de apoio, município de Vila Pouca de Aguiar, setores económicos.

Abstract

Entrepreneurship, specifically the creation of companies, is one of the main factors in economic growth, job creation, stimulating innovation and improving the overall competitiveness of companies and markets. The main aim of this research is to analyse the importance of entrepreneurship in an industrially underdeveloped region, namely the municipality of *Vila Pouca de Aguiar*.

This study used a quantitative research approach. Data processing and analysis revealed that the four sectors of activity with the highest survival rate between 2016 and 2021 in the municipality of *Vila Pouca de Aguiar* were *Construction*, followed by *Wholesale and Retail Trade, Repair of Motor Vehicles, Motorcycles and Personal and Household Goods*, then *Consulting, Scientific, Technical and Similar Activities* and finally *Administrative Activities and Support Services*. In addition, it was also noted that even though some sectors have managed to adapt and increase their number of companies, even during the pandemic, the local economy has faced some challenges. Examples of which are the reduction in the number of jobs and turnover, suggesting that companies have had to cut their costs and look for ways to stay active in a challenging economic environment. The study also highlights the importance that the support measures created by the municipality have had on the creation of companies during the Covid-19 pandemic. Thus allowing the effects of the pandemic on them to be reduced, such as the creation of an Emergency Support Fund for micro-enterprises, allocating a budgetary amount of EUR 150,000, the exemption and reduction in the payment of store concession rents, exemption and reduction in water supply, sanitation and waste management tariffs.

Keywords: Entrepreneurship, Covid-19, support measures, *Vila Pouca de Aguiar* municipality, economic sectors.

Lista de Acrónimos e Siglas

AECORGO - Associação Empresarial do Corgo

ANJE - Associação Nacional de Jovens Empresários

BIC - *Business and Innovative Centre*

CMVPA - Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar

CRP - Constituição da República Portuguesa

GAE - Gabinete de Apoio ao Emigrante

GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*

H - Homens

HM - Homens e Mulheres

IAPMEI - Agência para a Competitividade e Inovação

IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional

I&D - Investigação e Desenvolvimento

M - Mulheres

MVPA - Município de Vila Pouca de Aguiar

ONG - Organização Não Governamental

PIB - Produto Interno Bruto

PME - Pequenas e Médias Empresas

PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo

PS - Partido Socialista

PSD - Partido Social Democrata

SPSS - *Statistical Product and Service Solutions*

UNIAG - *Applied Management Research Unit*

VPA - Vila Pouca de Aguiar

Índice Geral

Índice Geral	vi
Índice de Figuras	viii
Índice de Tabelas	ix
Introdução.....	1
1. Contextualização da Problemática.....	3
1.1 Empreendedorismo: Definição	3
1.2 Tipos de Empreendedorismo	5
1.2.1 Empreendedor Comercial	6
1.2.2 Empreendedor Corporativo ou Intraempreendedor	6
1.2.3 Empreendedor Herdeiro.....	8
1.2.4 Empreendedor Nato	8
1.2.5 Empreendedor Normal	9
1.2.6 Empreendedor por Necessidade	9
1.2.7 Empreendedor por Oportunidade	10
1.2.8 Empreendedor de Raiz/ <i>Start-up</i>	10
1.2.9 Empreendedor que Aprende	11
1.2.10 Empreendedor em Série	11
1.2.11 Empreendedor Social.....	11
1.3 Fatores que Estimulam o Empreendedorismo	13
1.4 Criação de Empresas e Desenvolvimento Regional.....	15
2. Apresentação da Instituição de Acolhimento	20
2.1 Caracterização da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar	21
2.2 Competências do Gabinete de Apoio ao Empresário	22
3. Metodologia de Investigação.....	24
3.1 Objetivo do Estudo	24
3.2 Recolha de Dados	25
3.3 Tratamento dos Dados.....	25
3.4 População/Amostra em Estudo.....	25

4. Dinâmica do Empreendedorismo em Vila Pouca de Aguiar	27
4.1 Caracterização da Estrutura Empresarial	27
4.2 Apresentação e Análise da Evolução do Número de Novas Empresas	32
4.3 Análise Comparativa da Criação de Empresas Antes e Durante Pandemia SARS-COV-2..	46
Conclusões, Limitações e Recomendações	52
Referências Bibliográficas	56

Índice de Figuras

Figura 1: Organograma do Município de Vila Pouca de Aguiar.....	22
Figura 2: Número de empresas por setor de atividades (2016 e 2019).	28
Figura 3: Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%).	30
Figura 4: Número de empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar nos últimos 5 anos.	39

Índice de Tabelas

Tabela 1: Semelhanças e diferenças entre o empreendedorismo e o intraempreendedorismo.	8
Tabela 2: Características individuais, experiências pessoais.	14
Tabela 3: Pessoal ao serviço nas empresas não financiadas por setor de atividade económica... ..	28
Tabela 4: Empresas individuais não financeiras: total e por setor de atividade económica.	29
Tabela 5: População residente por grupos etários.	30
Tabela 6: População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Níveis de ensino.	31
Tabela 7: Estado de atividade das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar.	32
Tabela 8: Número de empresas por forma jurídica de sociedade constituídas por ano e setor de atividade em Vila Pouca de Aguiar.	33
Tabela 9: Número de empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas por ano e setor de atividade em Vila Pouca de Aguiar.	35
Tabela 10: Taxa de sobrevivência (%) das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar.	36
Tabela 11: Taxa de sobrevivência (%) das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar durante um ano por setor de atividade.	37
Tabela 12: Número de empresas constituídas, dissolvidas e ativas por forma jurídica de sociedade nos últimos 5 anos em Vila Pouca de Aguiar.	39
Tabela 13: Número de empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar com determinado número de trabalhadores durante o período de 2016 a 2021.	40
Tabela 14: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas antes e no ano de 2016.	41
Tabela 15: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2017.	42
Tabela 16: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2018.	43
Tabela 17: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2019.	43
Tabela 18: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2020.	44
Tabela 19: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2021.	44

Tabela 20: Taxa de Crescimento Anual do Volume de Negócios e do número de trabalhadores por Período das empresas. 45

Tabela 21: Volume de negócios médio por período no município de Vila Pouca de Aguiar..... 47

Tabela 22 : Número de trabalhadores médio por período no município de Vila Pouca de Aguiar.. 48

Tabela 23: Número de empresas por setor de atividade durante os períodos antes e durante a pandemia em Vila pouca de Aguiar. 49

Introdução

O empreendedorismo tem-se tornado uma força vital na economia global, promovendo a inovação, incentivando o crescimento económico e a criação de empregos em várias circunstâncias. De *start-ups* inovadoras a empresas mais familiares, o empreendedorismo engloba uma ampla gama de atividades económicas que conduzem ao crescimento e a uma maior competitividade nos mercados locais e globais. A um nível local, o empreendedorismo desempenha um papel ainda mais importante, moldando as dinâmicas sociais e económicas.

Neste relatório de estágio, explora-se a importância do empreendedorismo no município de Vila Pouca de Aguiar, uma povoação próspera localizada no distrito de Vila Real. É importante compreender a dinâmica económica local e também identificar as oportunidades de crescimento e de desenvolvimento que as empresas enfrentam e a sua procura em encontrar novas soluções durante uma situação de crise, como por exemplo a que será abordada, respeitante à pandemia SARS-CoV-2. Nunca existiu uma crise que em tão pouco tempo e de forma tão rápida afetasse a economia dos países, o estilo de vida e os meios de subsistência de forma tao drástica como a pandemia Covid-19 (Ionescu-Somers & Tarnawa, 2020).

Quando esta pandemia se abateu sobre as nossas vidas, fê-lo de uma forma repentina, uma nova doença viral que afetava os seres humanos e não existia uma previsão de vacina ou de cura. De forma a combater o vírus, diversas liberdades garantidas ficaram suspensas, sendo as populações obrigadas a manter um distanciamento social, entre outras medidas que levaram a um descontentamento. A dúvida e a incerteza, para além do medo do desconhecido rapidamente se instalaram na vida de todos (Haleem & Javid, 2020). Perante esta pandemia a vida sofreu uma variedade de impactos que se refletiram em vários setores económicos. Algumas das dificuldades enfrentadas pelas empresas locais foram, por exemplo, uma mudança no comportamento do consumidor. Nesta situação, surge a necessidade urgente de compreender de que forma a criação de empresas evoluiu antes e durante o período crítico da pandemia.

O principal objetivo é analisar como o empreendedorismo influencia a economia e a sociedade no concelho de Vila Pouca de Aguiar, como por exemplo, quais os principais setores ou os tipos de empreendedorismo que estão presentes no concelho, quais foram os desafios locais que os empresários tiveram de ultrapassar durante a pandemia e qual foi o papel do município no estímulo do empreendedorismo. Com este estudo pretende-se compreender melhor, na sua globalidade, o ecossistema empreendedor do concelho de Vila Pouca de Aguiar.

O presente relatório de estágio integra, assim, uma primeira parte composta por uma revisão da literatura, que começa por abordar a definição de empreendedorismo, na perspetiva de diversos autores. Depois, a partir dessa revisão da literatura, é realizada uma análise aos diversos tipos de empreendedorismo, verificando-se que existe uma ampla diversidade de artigos em torno do tema do empreendedorismo e dos seus diversos tipos, não sendo as abordagens dos diversos autores coincidentes e por vezes, fundindo-se os conceitos entre si. Na revisão da literatura foram ainda abordados os fatores que estimulam o empreendedorismo, para além da criação de empresas e do desenvolvimento regional. A segunda parte deste relatório de estágio contém a apresentação da instituição de acolhimento onde foi realizado o estágio curricular, nomeadamente, a caracterização da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar e as competências do gabinete de apoio ao empresário. A terceira parte descreve a metodologia de investigação. A quarta e última parte do presente relatório aborda o empreendedorismo no concelho de Vila Pouca de Aguiar fazendo uma apresentação e análise da evolução de novas empresas nos últimos cinco anos (entre 2016 e 2021) e também uma análise comparativa da criação de empresas antes e durante a pandemia SARS-CoV-2. Finalmente apresentam-se as principais conclusões relativas ao trabalho desenvolvido.

1. Contextualização da Problemática

1.1 Empreendedorismo: Definição

Na literatura não existe um consenso sobre a definição de empreendedorismo já que o mesmo assume vários significados, dependendo da situação. Isso acontece devido à variedade das áreas de conhecimento que procuram estudar o fenómeno do empreendedorismo, tais como, a economia, a psicologia, a sociologia, a história, as ciências do comportamento e a ciência de gestão (Rodrigues, 2015). O empreendedorismo enquanto área de estudo pode ser caracterizado como uma área diversificada em que os principais interesses da investigação estão relacionados com o indivíduo empreendedor, as suas características e perfil; a sua natureza emergente e as fases do processo; a motivação para criar um negócio, quer seja por necessidade, oportunidade ou até ambas; as condições simplificadoras do empreendedorismo; e os desafios encarados pelo indivíduo empreendedor, bem como a importância da atividade empreendedora ao nível do indivíduo, da empresa e da sociedade (Sant'Anna et al., 2011; Sant'Anna et al., 2012).

Segundo Hilsdorf (2015) os empreendedores transformam riscos, desafios e dificuldades em oportunidades. São aqueles indivíduos cujas características são a aprendizagem, a observação e a

transformação. O empreendedor é aquele que produz a partir dos recursos disponíveis para obter uma vantagem competitiva, seja na criação de uma empresa, na inovação de uma forma de executar determinada atividade ou numa estratégia empresarial, pois tem a visão centrada nas oportunidades e a vontade de fazer a diferença (Duarte & Esperança, 2014). O empreendedorismo é um processo de reconhecimento, desenvolvimento e assimilação de uma nova ideia, em que a visão pode ser de uma ideia inovadora, de uma oportunidade ou, simplesmente, de uma forma para fazer algo melhor. O resultado final deste processo é a criação de uma nova empresa constituída em condições de risco e de uma incerteza considerável (Sarkar, 2014). A essência do termo empreendedorismo está na percepção da execução de uma nova ideia, na criação de um serviço ou produto, produzindo oportunidades. Empreender também é conhecido como a arte de fazer, com inovação, motivação, criatividade e proatividade admitindo para si os riscos pela ação tomada (Santana, 2020). O empreendedorismo é uma ferramenta primitiva que permite às organizações, quer sejam um novo negócio ou uma empresa já estabelecida, sobreviver e prosperar num ambiente económico de constantes mudanças (Oliveira, 2012).

O termo empreendedorismo para Ireland et al. (2003) consiste num processo, através do qual as equipas e/ou indivíduos produzem riqueza ao juntar pacotes únicos de recursos para explorar oportunidades de mercado. Martins (2017) é da mesma opinião, afirmando que “o empreendedorismo é um processo de criação de valor através de uma combinação única de recursos na exploração de uma oportunidade de mercado” (p. 25). Já segundo Kuratko e Hodgetts (2004) o empreendedorismo é um processo dinâmico de mudança visão e criação, que requer uma aplicação de energia e paixão para a implementação e para a criação de novas ideias e de soluções criativas. Os ingredientes essenciais envolvem a capacidade de formular uma equipa de risco eficaz; a habilidade criativa para a organização dos recursos necessários; a habilidade fundamental de construir um plano de negócios sólido; e a visão de identificar oportunidades onde outros veem confusão e contradição.

Num mundo de mudança constante, o empreendedorismo é fundamental tanto em termos económicos, como sociais. De acordo com Mendes (2015) a maior fonte de criação de emprego é o empreendedorismo, desempenhando um papel essencial na introdução de inovações na economia e na sociedade, levando-a a evoluir e a progredir. Assim, “o empreendedorismo constitui uma importante opção de carreira para uma parte importante da força de trabalho” e “tem um impacto muito importante no desenvolvimento regional e no crescimento das economias” (Mendes, 2015, p. 9). Na perspetiva de Silva (2019) o termo empreendedorismo passou a ser utilizado como uma abordagem mais ampla incluindo desde uma ação individual/organizacional orientada para o lucro económico, até ações coletivas que pretendem por exemplo a redução da desigualdade social. Este autor refere ainda que “esta palavra se funde muito sob teorias de economistas, já o conceito empreendedor surge de teorias de comportamentalistas” (Silva, 2019, p.16).

Face à diversidade das definições de empreendedorismo é apropriado destacar o conceito segundo alguns autores de referência como Schumpeter (1934), que definiu o empreendedorismo como o resultado das novas combinações entre os meios de produção que concebem a inovação. Em

termos muito simples, a inovação é ter uma nova ideia ou, em algumas situações, aplicar as ideias de outras pessoas de uma forma original e com eficácia (André, 2015). Outro autor importante para o empreendedorismo é Kirzner (1973), que refere o empreendedor como alguém que identifica e age sobre oportunidades de lucro. E por fim, Drucker (1985), que menciona a importância de como o empreendedor envolve e melhora os recursos existentes através de novas capacidades de produção.

Atualmente, o empreendedorismo é um motor de desenvolvimento do crescimento económico, mas, a investigação em volta deste é relativamente recente (Carlsson et al., 2013). De acordo com estes autores, a criação de um empreendimento pode assumir a forma de criação de novas empresas ou de novas atividades em empresas. Os resultados associados levam à forma de crescimento e ao desenvolvimento económico e humano, pelo que todas as atividades e resultados são influenciados por uma ou mais dimensões do nível socioeconómico ambiente, como por exemplo a classe social e a profissão (Carlsson et al., 2013). O empreendedorismo tem duas contribuições essenciais para a economia de mercado. Por um lado, faz parte do processo de reestruturação que está presente e determina as economias do mercado e, por outro lado, é um mecanismo essencial através do qual um grande número de pessoas entra para a corrente económica, por exemplo, criando o seu próprio negócio (Kuratko, 2005).

A importância do empreendedorismo é compreendida pelas organizações como um reforço da sua competitividade e da sua permanência no mercado, ou seja, o empreendedorismo está relacionado com o reconhecimento de oportunidades e em transformá-las num negócio lucrativo fazendo o que seja possível para não serem um fracasso (Silva, 2019).

1.2 Tipos de Empreendedorismo

Com a verificação de que os empreendedores apresentam mudanças entre si, o número de estudos aumenta após a década de 2000 com o intuito de investigar os diferentes tipos de empreendedores e de evidenciar as alterações nos comportamentos e qualidades pessoais dos mesmos (Diniz et al., 2020). A forma como o empreendedorismo e os seus resultados são vistos por uma determinada sociedade influencia os indivíduos enquanto possíveis futuros empreendedores (Santos, 2019). Quanto aos tipos de empreendedorismo não existe concordância entre os autores, pelo que serão apresentadas várias abordagens sobre o assunto.

Segundo Dornelas (2015) existem oito tipos de empreendedores: o empreendedor nato; o empreendedor corporativo (intraempreendedor); o empreendedor que aprende; o empreendedor em série (que cria novos e diversos negócios); o empreendedor social (envolve-se em causas humanitárias); o empreendedor por necessidade (cria o próprio negócio, para criar o seu próprio emprego); o empreendedor herdeiro (por sucessão familiar) e o empreendedor normal. Já de acordo com Estrin et al. (2016), existem duas formas de empreender, nomeadamente, uma através do empreendedorismo social e outra através do empreendedorismo comercial. Na perspetiva dos autores, apesar de serem dois tipos de empreendedorismo que geram valor, o empreendedorismo social difere do comercial no objetivo principal da atividade.

Alguns investigadores consideram que existem dois tipos de empreendedorismo: o empreendedorismo por necessidade e o empreendedorismo por oportunidade (Caliendo & Kritikos, 2019; Fairlie & Fossen, 2018; Mota et al., 2019). Já segundo Santos (2019), distinguem-se três tipos de empreendedorismo, nomeadamente, o intraempreendedorismo, o empreendedorismo de raiz e o empreendedorismo social.

Assim, destaca-se que não existe apenas um tipo de empreendedor ou um modelo por defeito, uma vez que o que caracteriza o facto de alguém se tornar empreendedor, é algo que pode acontecer a qualquer pessoa e que depende das condições ambientais e de influenciadores (Dornelas, 2015).

1.2.1 Empreendedor Comercial

Neste tipo de empreendedorismo os empreendedores fornecem bens e serviços para aumentar o bem-estar pessoal, mas, ao mesmo tempo, estimulam o bem-estar social através de novos bens, serviços e empregos que tem um impacto social transformador. (Estrin et al., 2016).

O empreendedorismo comercial é uma atividade comercial que depende unicamente de estruturas de trocas de mercado em que o objetivo é maximizar os lucros do empreendedor (Cornélio, 2017).

1.2.2 Empreendedor Corporativo ou Intraempreendedor

O empreendedorismo, de uma forma geral, consiste na criação de algo novo ou melhorado, seja uma organização, ou um novo processo de preparação de um produto ou serviço já existente, ou a invenção de um novo produto dentro da empresa estabelecida no mercado, como é o caso do intraempreendedorismo (Santos, 2019). O intraempreendedorismo também designado por empreendedorismo corporativo ou interno, segundo Baggio e Baggio (2014), pode ser definido como um procedimento de identificação, de desenvolvimento e de implementação de novas oportunidades de negócio no interior de uma empresa já existente.

Já segundo a perspetiva de Boas e Santos (2014), o intraempreendedorismo é observado e identificado como a ação de um indivíduo autónomo e motivado, que trabalha com os recursos disponíveis no seu ambiente de trabalho e realiza os processos de uma forma mais eficaz, numa empresa já existente, tendo por objetivo agregar valor aos produtos/serviços oferecidos pela empresa. Seguindo o mesmo raciocínio, Silva (2019) refere que este tipo de empreendedorismo “é o processo que ocorre dentro dos limites de uma empresa, através do melhor uso dos seus talentos empreendedores, este visa o desenvolvimento em todos os quadros funcionais da empresa” (p.18).

O intraempreendedorismo centra-se em reforçar as competências que estão em cada uma das áreas/departamentos da empresa (Martins, 2017). Desta forma, o intraempreendedorismo recria a cultura interna empreendedora, pelo que se torna indispensável para as empresas, principalmente as de alta competitividade, uma vez que faz com que o indivíduo tenha a iniciativa de procurar e de criar oportunidades de negócio para a empresa em que trabalha (Silva, 2019). Seguindo a mesma lógica de pensamento, Carvalho e Costa (2015) referem que o intraempreendedor é aquele que em vez de criar a sua própria empresa, tenta inovar ou identificar oportunidades no interior da

organização em que trabalha. Assim, os trabalhadores da empresa criam atitudes ou ideias empreendedoras que vão ao encontro da visão da empresa.

Os fatores fundamentais no procedimento corporativo, segundo Medeiros (2018), são: a oportunidade, os meios que a empresa dispõe e que serão destinados à exploração da oportunidade identificada, os indivíduos e a equipa que colocará o processo em prática, ou seja, os empreendedores corporativos. O empreendedorismo corporativo é determinado por três variáveis essenciais: a aptidão de assumir o risco, a inovação e a iniciativa. A prática conjunta das três variáveis determinará quanto uma empresa é empreendedora. Assim, a empresa precisa de estar aberta a ideias inovadoras e de ter políticas de recompensas para incentivar os indivíduos a procurarem algo novo (Medeiros, 2018).

A condição financeira do empreendedor tem um peso significativo na implementação de uma iniciativa empreendedora (Santos, 2019). Mas, quando nos referimos ao intraempreendedorismo, a condição financeira do empreendedor já não apresenta a mesma importância, o mais relevante é a abertura da empresa para aceitação da inovação e para a mudança. Segundo o autor, o intraempreendedorismo proporciona alguma segurança financeira contribuindo para a implementação de ideias inovadoras, mas poderão surgir diversos obstáculos e resistência à mudança dentro da empresa, “financeiramente é menos arriscado para o indivíduo (empreendedor) por outro lado há menos autonomia e o processo tende a ser mais demorado podendo em algumas situações colocar em causa a possibilidade de exploração da oportunidade da forma mais eficiente” (Santos, 2019, p.23).

Assim, de acordo com Araújo (2020), as características principais do empreendedor corporativo, são o foco, a visão sistémica, a ousadia, a criatividade, a capacidade inovadora, e o comportamento positivo.

É possível identificar algumas das semelhanças e diferenças entre o empreendedorismo e o intraempreendedorismo como é visível na seguinte Tabela 1.

Tabela 1: Semelhanças e diferenças entre o empreendedorismo e o intraempreendedorismo.

Semelhanças	Diferenças
<ul style="list-style-type: none"> Ambos envolvem o reconhecimento, a avaliação e a exploração de uma oportunidade; Ambos requerem um objetivo de levar à criação de novos produtos, serviços, processos ou negócios; Ambos dependem de um indivíduo empreendedor, que forma uma equipa que o ajudará a implementar esse conceito; 	<p>Empreendedorismo</p> <ul style="list-style-type: none"> Criação de riqueza; Procura de financiamento; Criação de estratégias e culturas organizacionais; Risco controlado; O retorno é para o empreendedor e os acionistas.
<ul style="list-style-type: none"> Ambos requerem que o empreendedor esteja apto a articular visão com capacidade de gestão, paixão com pragmatismo e proatividade com paciência; Em ambos os casos, o empreendedor ou intraempreendedor encontrará resistências e obstáculos e necessitará ser perseverante; Ambos requerem do empreendedor estratégias criativas para identificar e obter recursos; Ambos requerem do empreendedor ou intraempreendedor a definição de estratégias de recuperação do capital investido. 	<p>Intraempreendedorismo</p> <ul style="list-style-type: none"> Flexibilidade de funcionamento, mas precisa duma cultura empresarial conclusiva; Deve trabalhar dentro de outra cultura existente e a oportunidade deve estar coerente com a estratégia da organização; Depende do líder de projeto ou empreendedor para ter liderança na realização da ideia; A sua promoção depende da visão estratégica do gestor de topo; Procura de potencial interno; Desenvolver a situação da empresa.

Fonte: Sarkar (2014, p. 39).

1.2.3 Empreendedor Herdeiro

Este tipo de empreendedorismo, tal como o nome já refere, tem o seu perfil relacionado com a família correspondendo ao indivíduo que herda os negócios da mesma e tem de os gerir. Assim, este empreendedor é ensinado e preparado de forma que possa seguir os passos dos seus ascendentes diretos, normalmente, os pais, frente à empresa, com o objetivo de aumentar o património financeiro desta (Dornelas, 2015). Existem poucos empreendedores herdeiros com a autonomia no âmbito da modernização, mas, existem alguns deles que procuram, em grande parte, manter a ideologia conservadora e não alterar o que já se encontra a resultar em receitas positivas (Dornelas, 2015).

O empreendedor herdeiro possui como principais características: a liderança, a disciplina, a intuição, a adrenalina ao risco e a competitividade (Araújo, 2020).

1.2.4 Empreendedor Nato

Os empreendedores deste tipo são indivíduos que possuem histórias de superação e conquistas relevantes que chamam a atenção de todos. Este perfil empreendedor é constituído por empresários que começam as suas atividades muito jovens e possuem competências para a negociação e vendas (Dornelas, 2015).

O empreendedor nato possui como características: a paixão pelo projeto, o espírito de liderança, o sentido para os negócios, a melhoria contínua e a criatividade para inovar (Araújo, 2020).

1.2.5 Empreendedor Normal

Este tipo de empreendedor não corre riscos, preocupa-se com o progresso do negócio e procura colocar como prioridade um futuro agradável pelo que trabalha sempre em cima de metas estipuladas como um plano apropriado e tendo em vista a possibilidade de o negócio ser bem-sucedido (Dornelas, 2015), ou seja, este tipo de empreendedor é seguro das suas ações e possui uma visão definida do que é empreender.

O empreendedor normal possui como principais características: a segurança, ser paciente, ser decidido e ser estudioso (Araújo, 2020).

1.2.6 Empreendedor por Necessidade

O empreendedorismo por necessidade é geralmente considerado como a criação de negócios em virtude de oportunidades alternativas limitadas (Fairlie & Fossen, 2018). Os empreendedores por necessidade, usualmente criam negócios independentes por falta de oferta de emprego e para poder manter o seu rendimento familiar. Assim, a maior motivação deste empreendedor é financeira e não a criação de um negócio próprio. Este tipo de empreendedorismo está diretamente relacionado com a situação económica do país, pois, em tempos de crise, existirá um aumento deste tipo de empreendedorismo, mas tenderá a diminuir quando as oportunidades de emprego aumentarem (Silveira et al., 2017). Os empreendedores por necessidade são aqueles que se localizam em regiões onde as oportunidades de trabalho são insatisfatórias ou inexistentes (Santos et al., 2007).

Os empreendedores movidos pela necessidade são pressionados a iniciar negócios porque não tem outras opções de emprego e precisam de uma fonte de rendimento pelo que surgem, em grande parte, como um resultado de motivações puramente económicas, mas também podem ser motivados por questões de segurança ocupacional (Tyszka et al., 2011) ou pela sua própria insatisfação profissional e pessoal (Noorderhaven et al., 2004). Seguindo o mesmo raciocínio, Vale et al. (2014) consideram que o empreendedor por necessidade é aquele que abre uma empresa pressionado pela falta de alternativas de trabalho ou de outra fonte de rendimento. Nesta perspetiva, é possível observar que estes empreendedores são impulsionados pela necessidade e, assim sendo, devem possuir como característica particular a perspicácia, sendo que esta influência diretamente o comportamento do sujeito que visa empreender.

Este tipo de empreendedor possui características como: simplicidade, nível educativo baixo, pouco inovadora e raramente tem acesso a recursos e condições estruturadas para empreender (Hirata, 2013).

1.2.7 Empreendedor por Oportunidade

O empreendedorismo por oportunidade é geralmente associado à criação de negócios quando há uma oportunidade empreendedora (Fairlie & Fossen, 2018). Os empreendedores movidos pelas oportunidades preferem iniciar ou criar um negócio com base na percepção de que existe uma oportunidade que ainda não foi aproveitada (ou foi aproveitada apenas de forma incompleta) por empresas existentes. Eles, geralmente, são movidos por motivações económicas (Carter et al., 2003; Cassar, 2007) e não económicas, como a necessidade de independência (Tyszka et al., 2011) e/ou a aspiração de criar o seu próprio negócio, ser o seu próprio chefe e desenvolver novos produtos (Cassar, 2007). Estes empreendedores são cautelosos, pelo que antes de abrirem a sua empresa fazem um estudo do mercado observando a possível requisição e aceitação do novo serviço e/ou produto, além de analisarem também a possibilidade económica (Silveira et al., 2017).

O empreendedorismo por oportunidade caracteriza-se por uma situação conveniente para fazer algo que possa criar benefícios apontando à melhoria da situação do indivíduo num determinado momento (Assunção et al., 2017). Neste tipo de empreendedorismo, os empreendedores são aqueles que começam a sua atividade para melhorar a sua condição de vida ao observar uma ocasião para empreender. Este tipo de empreendedorismo é mais visionário, partindo a sua motivação da percepção de um nicho de mercado em grande potencial, da procura da realização profissional e do desejo de independência de ter o seu próprio negócio (Silveira et al., 2017).

No mundo atual, com as diversas crises económicas já ocorridas, a oportunidade viável está intimamente ligada à necessidade, uma vez que acaba por ser um fator definitivo para a introdução no dia-a-dia de novos empreendedores no mercado de trabalho, dado que, influenciados pela falta de rendimento precisam ainda de ter criatividade, aplicada em conjunto com os conhecimentos técnicos, para responder à procura do sustento para a manutenção da vida familiar (Assunção et al., 2017).

1.2.8 Empreendedor de Raiz/*Start-up*

O empreendedorismo de raiz é também chamado de empreendedorismo *start-up*¹ uma vez que cria novos negócios ou novas empresas. Este tipo de empreendedorismo está relacionado com as novas empresas (*start-ups*) mas também consiste na criação de novos produtos em qualquer momento do ciclo de vida de uma empresa ou, de forma mais limitada, à fase de preparação no início desta, isto é, na fase em que a ideia leva ao modelo e ao plano de negócio (Silva, 2019). O objetivo deste tipo de empreendedorismo é dar início a um novo negócio, uma vez que o empreendedor analisa a situação e perante uma oportunidade ele apresenta um novo empreendimento (Baggio & Baggio, 2014).

O empreendedor *start-up* é aquele que cria empresas ou negócios, procurando estabelecer a diferença num mercado muito competitivo através da inovação, da conquista de clientes, do alcance

¹ *Start-up* é o termo utilizado para definir empresas ou negócios criados de raiz ou em fase de arranque, ou seja, empresas inovadoras com potencial de crescimento.

de lucro máximo e da produtividade, fator essencial à manutenção do empreendimento (Medeiros, 2018). Os desafios do empreendedorismo raiz são: “suprir uma procura existente que não vem sendo dada devida atenção; buscar e apresentar diferenciais competitivos em um mercado já existente; vencer a concorrência; conquistar clientes; e alcançar a lucratividade e a produtividade necessárias à manutenção do empreendimento” (Baggio & Baggio, 2014, p. 30).

1.2.9 Empreendedor que Aprende

O empreendedor que aprende surge com a oportunidade de negócio e opta repentinamente por mudar de vida e de negócio. Assim, ele toma a decisão de mudar de vida quando nota que pode estar a correr o risco de ser despedido ou mesmo quando já perdeu o emprego (Dornelas, 2015). Assim, este tipo de empreendedor é inesperado, é normalmente um indivíduo que num momento em que menos estava à espera encontra uma oportunidade de negócio e faz a escolha de mudar a sua ocupação de vida para se dedicar ao seu próprio negócio. O empreendedor que aprende possui como principais características: a capacidade de planejar, a iniciativa, a autoconfiança, a liderança e a perseverança (Araújo, 2020).

1.2.10 Empreendedor em Série

Neste tipo de empreendedorismo, os empreendedores não ficam contentes por representar um único negócio, pelo que nos dias de hoje são conhecidos por *coaching*, com habilidades para formar equipas, proporcionar a motivação dos seus elementos e procurar recursos para dar suporte aos negócios (Dornelas, 2015). Segundo Passmore (2016), *coaching* é uma forma de evolução na qual alguém designado por *coach* (“treinador”, em português), ajuda um aprendiz ou um cliente a adquirir um objetivo profissional ou pessoal particular através de orientação e de treino.

Estes empreendedores geralmente ficam atentos a tudo o que está a acontecer ao seu redor, tendo como ponto forte a socialização junto dos seus clientes o que permite transformar-se assim num líder sensato e participativo. Este acredita nas oportunidades e não se deixa desanimar quando não conseguiu obter o resultado desejado, pelo que após terminar um desafio procura iniciar o desafio seguinte (Dornelas, 2015).

O empreendedor em série possui como principais características: a criatividade, a paixão pelo negócio, a comunicação, a liderança e o dinamismo (Araújo, 2020).

1.2.11 Empreendedor Social

Nos últimos tempos constatou-se um grande interesse pela pesquisa em empreendedorismo social (Moris et al., 2020). Este tipo de empreendedorismo constitui uma ação coletiva em que os indivíduos de determinada comunidade procuram a inclusão e a evolução através de ações levadas a cabo para resolver os problemas da sociedade e gerar bens e serviços para a mesma (Araújo V. E., 2020). Seguindo a mesma opinião, Baggio e Baggio (2014), referem que o empreendedorismo social surge como uma solução para os problemas de pobreza e de exclusão social. O conceito de

empreendedorismo social está relacionado com o desenvolvimento socioeconómico, tendo em vista a solução dos problemas sociais, seja através de iniciativas individuais ou coletivas (Vieira, 2021).

Na atualidade, este tipo de empreendedorismo é muito importante para a atividade da economia moderna, uma vez que a economia social se tornou uma parte essencial nas sociedades contemporâneas (Gaspar, 2010). Segundo Silva (2019), este tipo de empreendedorismo é “uma ação inovadora que está voltada para uma situação ou problema social, visando enfatizar o capital social, como por exemplo o respeito e a confiança” (p.20). Este tipo de empreendedorismo “é um campo de ação sócioambiental e de realização de negócios, que visa atingir duas metas consideradas irreconciliáveis: geração de impacto social e de valor económico” (Martins et al., 2020, p.33). Na atualidade estabelece-se uma discussão a respeito da definição deste campo de atuação, incluindo a função do empreendedor social na economia e também a sua interação com a comunidade civil e as políticas públicas.

Os empreendedores sociais, na opinião de Dorf e Blank (2018), criam entidades sem fins lucrativos para mudar o mundo, podendo assim avaliar as necessidades da comunidade para aplicar o investimento com o objetivo de as resolver e esperar o retorno do capital investido sem o lucro extraordinário, ou seja, ocorrendo o reinvestimento do pequeno lucro. Com a mesma opinião Yunus [2016 citado por Cornélio (2017)] esclarece ainda que o empreendedor recebe o dinheiro do seu investimento de volta ao longo do tempo, mas nunca recebe além desse montante, pelo que o único objetivo do negócio social é resolver problemas sociais pré-determinados, de forma sustentável.

A associação, entre os conceitos de empreendedorismo e empreendedorismo social, é observada com o propósito e a missão da mudança social (Bansal et al., 2019). O empreendedorismo social distingue-se do empreendedorismo em dois fatores: não cria serviços nem bens para vender, mas sim para solucionar os problemas sociais; e não é orientado para o mercado, mas sim para fragmentos populacionais em situações de risco social, como por exemplo, a exclusão social, a pobreza e o risco de vida (Baggio & Baggio, 2014). Este tipo de empreendedorismo surgiu como meio para enfrentar as lacunas sociais que não obtiveram a devida atenção por parte do mercado ou do Estado, sendo capaz de promover a melhoria da qualidade de vida da comunidade e também as condições de acesso ao mercado de trabalho (Mykolaivna, 2017). Além disso, é notado o interesse comum em benefício da sociedade como característica própria do empreendedorismo social (Letaifa, 2016).

No empreendedorismo social, os empreendedores são pessoas com soluções inovadoras que identificam o que está a funcionar incorretamente e resolvem o problema alternando o sistema, espalhando a solução e influenciando comunidades inteiras a seguir um novo caminho (Carvalho & Costa, 2015). Na perspetiva de Abu-Saifan (2012) o empreendedor social é alguém que usa um conjunto de atitudes empresariais para fornecer valor social aos menos privilegiados, através de uma entidade empreendedora direcionada, que é autossuficiente, sustentável e financeiramente independente. Ou seja, através da mistura das atividades sociais com fins lucrativos pretende conseguir a autossuficiência, diminuir a dependência de doações e o financiamento do governo além de aumentar a transmissão do valor social proposto. As pessoas que praticam o

empreendedorismo social “são pessoas físicas que trazem inovação para o terceiro setor, mais conhecido pela atuação das ONG” (Silva et al., 2011, p.4). As características principais do empreendedor social, são: a iniciativa, a agilidade e ser voluntário (Araújo, 2020).

Em suma, podemos salientar que são diversos os tipos de perfis dos empreendedores, mas isso não leva a querer que são isolados, pois é possível encontrar empreendedores que se encaixam em mais do que um tipo de perfil (Araújo, 2020).

Existem semelhanças entre o empreendedorismo de raiz e o intraempreendedorismo, segundo Silva (2019), uma vez que os dois tipos de empreendedorismo envolvem a identificação de uma oportunidade de negócio e também implicam uma gestão de risco associado, além de ambos desenvolverem a criação de valor. Já o empreendedorismo social procura favorecer a mudança envolvendo-se em métodos de aprendizagem, inovação e de adaptação, além disso manifestam sentido de responsabilidade com a sociedade e os resultados (Silva, 2019).

Algumas diferenças entre o empreendedorismo de raiz e o intraempreendedorismo registam-se nos seguintes aspetos: no empreendedorismo de raiz o indivíduo como empreendedor é independente e no intraempreendedorismo o indivíduo empreendedor pode ter de dividir o seu protagonismo e mérito com os outros indivíduos da empresa; o empreendedor de raiz tem pouca segurança e não possui uma rede protetora já o empreendedor do intraempreendedorismo tem uma grande margem para erros uma vez que a empresa pode absorver o fracasso; por fim, o empreendedor de raiz dispõe de uma limitação de recursos enquanto que no intraempreendedorismo o empreendedor tem acesso a um financiamento para a Investigação e Desenvolvimento (I&D) (Martins, 2017).

O empreendedor de raiz está voltado para a criação de riqueza e cria as estratégias num curto prazo e de forma rápida, já o intraempreendedor opera no interior de uma cultura existente e com regras claras a médio e longo prazo dentro de uma burocracia já estabelecida (Medeiros, 2018).

1.3 Fatores que Estimulam o Empreendedorismo

As pessoas tornam-se empresária devido à necessidade, por falta de empregos, pelo que o ambiente económico é o que exerce uma influência mais direta e imediata sobre o empreendedorismo. Os governos procuram aplicar circunstâncias para impulsionar o empreendedorismo e, simultaneamente, estimular o aumento dos níveis de atividade económica (Cornélio, 2017). Os fatores que afetam o empreendedorismo além do económico, são os fatores sociais e culturais que estão cada vez mais a tornar-se importantes na criação de políticas (Pandit et al., 2018; Walsh & Winsor, 2019).

No contexto atual da sociedade contemporânea e do conhecimento, segundo Lopes (2017), existem vários fatores que contribuem para o surgimento do empreendedor tais como a personalidade, a família, a cultura, a etnia, a religião, as experiências de trabalho e a exposição a negócios. De entre estes, destaca-se a influência da educação que contribui para estimular o empreendedorismo, uma vez que permite desenvolver atitudes, competências e conhecimentos que vão além da consciencialização sobre as perspetivas de carreira como empresário. A educação, contrariamente

ao que muitos acreditam, pratica uma importância fundamental na criação de um empreendedor, apoiando não só ao nível educacional, mas também, no confronto dos problemas e na adaptação a novas situações (Carvalho et al., 2018).

Já segundo Cornélio (2017), o empreendedorismo é influenciado por quatro fatores distintos: ambiente económico, cultura, desenvolvimento tecnológico e educação. Mas estes fatores tanto podem facilitar como impedir o surgimento do empreendedorismo, pelo que é necessário garantir alguns atributos para uma envolvente benéfica à criação de novas empresas. Outros fatores que estimulam o início de um empreendimento são a insatisfação em vários aspetos de um emprego, tais como, a falta de oportunidades e de desafios, a frustração e o tédio (Carvalho et al., 2018).

Seguindo outra perspetiva, os fatores motivadores do empreendedorismo são classificados em três grupos: características individuais; experiências pessoais; e indicadores ambientais que estão descritos na seguinte Tabela 2 e influenciam o comportamento do empreendedor (Vicenzi & Bulgacov, 2013).

Tabela 2: Características individuais, experiências pessoais.

Características individuais	Assume riscos; criatividade; iniciativa; paixão pelo que faz; inovação; aceita a possibilidade de fracassar; vontade/motivação; procura mudança; crença no que faz; perceção; dedicação; comprometimento; liderança; procura por desafios; procura por realização profissional; desejo de independência, autonomia, coragem, ousadia etc.
Experiências pessoais	Experiência prévia no ramo; modificação de uma ideia obtida um emprego anterior; conhecimento prévio/formação académica; habilidades gerenciais e operacionais desenvolvidas em empregos anteriores; sociedade com pessoas mais experientes; experiência adquirida com os negócios da família, descoberta por acaso etc.
Indicadores ambientais	Necessidade financeira; desemprego; insatisfação com o trabalho anterior; falta de perspetiva na carreira; fuga da rotina; reconhecimento de oportunidade no mercado de acordo com os interesses pessoais e profissionais; atenção aos nichos de mercado não atendidos; influência familiar; herança; aposentadoria etc.

Fonte: Vicenzi e Bulgacov (2013, p. 212).

Por fim, através *Global Report do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2016)*, é possível verificar que existem dez condições estruturais que reconhecem os elementos que impulsionam ou que cingem o empreendedorismo em determinado país, nomeadamente:

1. Apoio Financeiro: Disponibilidade de recursos financeiros para empresas novas e em crescimento;
2. Políticas governamentais: Influência das políticas governamentais nas atividades da empresa através dos impostos e/ou regulamentações e se incentivam ou desincentivam o empreendedorismo no país;
3. Programas governamentais: Existência de programas governamentais, em todos os níveis de governação (nacional, regional, local), que apoiem novas empresas e em crescimento;

4. Educação e formação: Integração no sistema de educação de formação sobre a criação ou gestão de negócios;
5. Transferência de I&D: Novas oportunidades de negócio através da I&D a nível nacional, assim como o nível de acesso à I&D por parte de empresas novas e em crescimento;
6. Infraestrutura comercial e de serviços: Influência das instituições e serviços comerciais na promoção de empresas novas e em crescimento;
7. Abertura do mercado/Barreiras à entrada: Impedimento de que os acordos e procedimentos comerciais sejam alvo de alterações e/ou substituições, impedindo as empresas novas e em crescimento de estar em concorrência;
8. Acesso a infraestruturas físicas: Acesso a recursos físicos (comunicação, transportes, utilidades, matérias-primas e recursos naturais) existentes em determinado país a preços não discriminatórios para as empresas novas e em crescimento;
9. Normas culturais e sociais: Contribuição das normas culturais e/ou sociais para uma maior distribuição de riqueza e do rendimento e em que medida incentivam ou impedem a criação de negócios;
10. Empreendedorismo sénior: Indivíduos com idade superior a 50 anos que tenham interesse em iniciar uma nova atividade empreendedora, considerando os benefícios fiscais e programas existentes que possibilitam apoiar esta parte da população.

1.4 Criação de Empresas e Desenvolvimento Regional

Nos países desenvolvidos, a constituição de novas empresas tem sido observada como a principal fonte de geração de emprego, apontando evidências para a existência de uma ligação positiva e forte entre as variáveis (Mueller et al., 2008; Praag & Versloot, 2007). A criação de uma empresa é um evento que pode ser desagregado em várias dimensões, que abrangem: as características do empreendedor, as características da nova empresa, o contexto em que a empresa é criada e o método através do qual a empresa é constituída e iniciada a produção (Gatner, 1985). O aspeto características do empreendedor pode ser dividido em traços de personalidade, valores/motivações e contexto pessoal (educação e treino) (Herron & Sapienza, 1992; Naffziger et al., 1994).

O estabelecimento de novas empresas pode incentivar o aumento do emprego através do incremento da pressão sobre as empresas já estabelecidas no mercado, desafiando-as a aperfeiçoar o seu desempenho o que incentiva a eficiência e a produtividade (Disney et al., 2003). Além disso, as empresas recém-nascidas são impulsionadoras de novas ideias e inovação, fatores essenciais para o crescimento económico de longo prazo (Fritsch, 2008). Quando uma nova empresa é criada, o principal contributo para o desenvolvimento económico é a criação de novas oportunidades de trabalho (Baptista et al., 2008). A existência de um maior número de indivíduos empregados levará à existência de uma maior afluência local da procura por bens e serviços, promovendo a abertura de novas empresas que saciem este aumento da procura. Desta forma, o

aumento de postos de trabalho parece ser a causa e não a consequência do aumento das taxas de natalidade de novas empresas (Mueller et al., 2008).

Paralelamente à criação de emprego atribuída ao início das operações de novas organizações acontece a possível cessação de atividade das empresas com baixos níveis de produtividade (ineficientes) e por consequência, possíveis perdas dos postos de trabalho (Fritsch & Mueller, 2004). Tal deve-se à concorrência de novas empresas, pelo que as empresas já estabelecidas, mas com baixos níveis de rendimento terão que reduzir a produção ou fechar as portas, o que provoca uma descida no emprego (Fritsch, 2008). Segundo Van Stel e Storey (2004) os novos empreendimentos contribuem apenas para uma pequena proporção de empregos na economia, visto que a maior parte dos negócios criados emerge unicamente em substituição dos existentes.

É de salientar que os impactos no emprego relacionados com a criação de novas empresas não serão iguais em todas as regiões, uma vez que nas regiões de elevada produtividade, recursos abundantes e um sistema de inovação considerável terá uma relação bastante positiva, mas em regiões com estas características menos desenvolvidas, o efeito será mais reduzido (Fritsch, 2008; Fritsch & Mueller, 2008).

Através de um conjunto de estudos de economistas de mercado, expôs-se que o nível regional de criação de novas empresas tende a ser constante ao longo de períodos de 10 a 20 anos (Fritsch & Wyrwich, 2017). Este fenómeno tem duas explicações, em primeiro os determinantes regionais da formação de novas empresas e os seus efeitos permanecem relativamente constantes ao longo do tempo e, em segundo, a existência de uma cultura empreendedora (Andersson & Koster, 2011; Fritsch & Wyrwich, 2014). As variáveis que se mostram benéficas ao surgimento de novas empresas, como a qualificação da força de trabalho regional ou a participação no emprego de pequenas empresas (Fritsch & Flack, 2007), tendem a permanecer razoavelmente constantes ao longo de anos consecutivos (Fritsch & Kublina, 2019).

Na perspetiva de Van Praag e Versloot (2008), as pequenas empresas e as recentemente estabelecidas são a origem de um crescimento substancial do número de novos empregos. As novas Pequenas e Médias Empresas (PME) têm um impacto positivo na criação de emprego (Parker, 2009), esta opinião pode ser comprovada através da pesquisa de Reynolds et al. (1994), que foi realizada na Suécia e na Inglaterra, através da qual se concluiu que aproximadamente metade de todos os postos de trabalho criados, ao longo de seis anos, foram concebidos por PME. Contudo, mesmo que as novas PME contribuam para o aumento do número de postos de trabalho, estes estão ligados a níveis de remuneração menores, a uma instabilidade superior e a uma grande possibilidade de encerramento, pelo que são julgadas como menos seguras que as grandes empresas (Van Praag & Versloot, 2007).

De acordo com Gunasekaran et al. (2011) as PME contribuem bastante para o desenvolvimento financeiro das regiões e/ou países onde existem, no entanto, a sua contribuição pode não se limitar apenas ao desenvolvimento económico (Fritz & Silva, 2018; Kot, 2018). Por exemplo, na perspetiva de Viitaharju et al. (2005), as PME podem impulsionar a economia local em regiões menos avançadas através da melhoria do desempenho da cadeia de abastecimento. Outro exemplo, é a

visão de Marsden et al. (2000) que referem que isso também se aplica às cadeias de abastecimento de alimentos, uma vez que contribuem diretamente para o desenvolvimento local. Neste contexto, o desenvolvimento regional tem uma conexão estreita com a resiliência da cadeia de alimentos, uma vez que os fatores de vulnerabilidade da cadeia de suprimentos estão relacionados com atributos socioeconômicos locais (Anbumozhi & Kimura, 2020).

As regiões são forçadas a encontrar novas estratégias para aumentar e segurar o progresso regional, de forma a proporcionar alternativas de negócio e qualidade de vida para a sua população (Cunha, 2017). Uma região, segundo Asheim et al. (2011), é considerada como uma chave para a inovação e desenvolvimento econômico, ou seja, uma região que tenha uma forte cultura empreendedora pode conservar-se ao longo dos anos com um crescimento econômico (Audretsch & Keilbach, 2004). A região tem um papel importante para aperfeiçoar o empreendedorismo e a inovação devido aos processos de aprendizagem localizados (Lindh & Thorgren, 2016), assim, têm sido implementadas políticas de crescimento econômico que tem como objetivo a melhoria da educação e da criação de conhecimento regional e local (Asheim et al., 2011).

Na opinião de Fritsch e Schroeter (2011) a influência da criação de empresas na criação de empregos difere entre as regiões. As regiões mais produtivas são as que têm uma maior probabilidade de beneficiar da criação de empresas e da entrada de empresas de alta qualidade (Fritsch & Schroeter, 2011) ou pelo empreendedorismo voltado para a exportação (González-Pernía & Penã-Legazkue, 2015). Geralmente, em regiões caracterizadas por uma atitude positiva estendida em relação às atividades empreendedoras, mais indivíduos podem perceber o empreendedorismo como uma oportunidade de carreira viável e começar um negócio próprio (Fritsch & Wyrwich, 2017).

A aptidão de uma zona para aumentar a sua prosperidade e o bem-estar sustentáveis ao longo do tempo é influenciada pela sua forte cultura empreendedora (Fritsch & Wyrwich, 2014). Além da cultura empreendedora, um aumento na disponibilidade de serviços e instituições de suporte às empresas, como o financiamento e serviços de consultoria, por exemplo, podem incentivar a criação de novas empresas (Fritsch & Wyrwich, 2017). As localidades com altos índices de natalidade de novas empresas durante um vasto período podem fomentar uma mentalidade empreendedora positiva, que sustenta a posterior constituição de empresas, quando uma região possui um ambiente empresarial propício à criação de empreendimentos, o empreendedorismo existente serve como um exemplo a ser seguido, o que estimula o estabelecimento de outras empresas (Andersson & Koster, 2011).

Uma cultura empreendedora pode impactar o desenvolvimento regional pelo fato de contribuir para uma maior qualidade das *start-ups* regionais, o que pode resultar em maiores oportunidades de sobrevivência e taxas de crescimento de novos empreendimentos, bem como evidenciar um desafio competitivo mais pronunciado para os operadores históricos, resultando numa maior produtividade. Além disso, um ambiente empreendedor pode ser propício a circunstâncias que estimulem o desenvolvimento de novos empreendimentos, com facilidade de financiamento, assessoria de apoio e outros. Também pode ser possível que uma cultura regional de empreendedorismo atraia a migração interna de indivíduos com uma atitude empreendedora, que podem então criar negócios

de qualidade relativamente elevada. Uma cultura regional de empreendedorismo pode precisar de mais do que um comportamento empreendedor, nomeadamente, de indivíduos capazes e dispostos a tornarem-se empreendedores, infraestruturas de serviços de apoio com disponibilidade de consultoria competente bem como de instituições financeiras apropriadas, que podem também ser necessárias (Fritsch & Wyrwich, 2017). Assim, é importante existirem programas destinados a estimular o surgimento de novas empresas e a determinar se uma cultura local essencial de financiamento de capital de risco é implementada (Westlund & Adam, 2010). Alguns exemplos de programas de apoio ao empresário na concretização de um projeto empresarial são: Agência para a Competitividade e Inovação (IAPMEI); Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE); Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP); *Business and Innovative Centre* (BIC); aceleradores e incubadoras; e centros tecnológicos. Através destes programas o projeto pode ser apoiado em três áreas funcionais básicas, sendo elas: *facilitação/networking*; *qualificação/capacitação*; e *desenvolvimento/financiamento* (IAPMEI, 2016).

A definição de evolução regional tem o objetivo de incentivar investimentos tanto no setor público quanto no setor privado, de forma que sejam realizadas atividades económicas variadas que contribuam para a diminuição do desemprego e para a melhoria do nível de vida dos indivíduos (Opritescu, 2012). Assim, a principal forma de poder levar a um avanço estável das localidades reside no seu distinto financiamento, de modo que as regiões menos avançadas recebam proporcionalmente mais recursos que as restantes (Opritescu, 2012), reconhecendo-se o impulso externo como o elemento originário do desenvolvimento destas regiões.

O desenvolvimento regional pode ser considerado como um esforço geral que procura entender os problemas enfrentados pelas regiões devido às mudanças económicas e sociais (Buarque, 2008). Este apoia as atividades económicas, por exemplo a criação de empregos, nas regiões de forma que as desigualdades económicas e sociais entre regiões desenvolvidas e menos desenvolvidas sejam menores.

O impacto das iniciativas empresariais no desenvolvimento económico, segundo Salman (2016), aparenta depender do valor do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* e do crescimento financeiro do país. Desta forma, o nível da atividade empreendedora aparenta impactar de forma positiva os países mais desenvolvidos e de forma negativa os países que ainda estão em desenvolvimento (Carree & Thurik, 2010). No entanto, parece existir entre o empreendedorismo e o avanço económico uma causalidade circular, uma vez que as capacidades de produção que as novas empresas integram na economia têm um impacto direto no crescimento económico, e esse crescimento produz incentivos para um aumento da atividade empreendedora. Esta causalidade é estimulada através de impactos indiretos produzidos pelo empreendedorismo sobre o crescimento económico, dos quais se destaca: o estímulo do aumento de eficiência; as mudanças da estrutura empresarial; a inovação; e uma maior diversidade de produtos (Carballo et al., 2017). Alguns autores reforçam que o desenvolvimento económico ao ser disperso para níveis locais e regionais fará com que o crescimento financeiro e o desenvolvimento de um país sejam mais acentuados (Pike et al., 2016).

O crescimento económico é estimulado pela atividade empreendedora através do aumento da competitividade fruto de um aumento do número de empresas. Os níveis de competitividade por novas ideias aumentam devido à criação de empresas, mas também, devido à própria concorrência que facilita a entrada a novas empresas especializadas num determinado nicho de produtos (Carree & Thurik, 2010).

Assim, a criação de empresas impulsiona o desenvolvimento económico através da criação de emprego, do aumento da procura local, da promoção da inovação e da dinamização da economia municipal. As novas empresas, para além de criarem postos de trabalho, estimulam o consumo interno, trazem novas ideias e serviços, e ajudam a fixar a população jovem. Desta forma, a criação de empresas contribui para o desenvolvimento regional através da criação de emprego local, da fixação da população jovem, da diversificação da economia municipal, do estímulo da inovação e do empreendedorismo, e da atração de investimento para regiões menos desenvolvidas. O objetivo é utilizar o empreendedorismo como ferramenta de desenvolvimento económico, reduzindo a desigualdade entre regiões e promovendo o crescimento de áreas como Vila Pouca de Aguiar.

2. Apresentação da Instituição de Acolhimento

O Município de Vila Pouca de Aguiar² (MVPA) foi a instituição de acolhimento do estágio curricular que se situa no concelho de Vila Pouca de Aguiar no distrito de Vila Real. Este concelho é abastecido por excelentes infraestruturas rodoviárias, das quais as principais vias de distribuição nomeadamente a A7 e a A24, reforçam a sua posição geoestratégica em relação à própria Península Ibérica. Este concelho no norte de Portugal tem uma posição central a cerca de uma hora de viagem por autoestrada de dois aeroportos e de dois portos marítimos internacionais (Porto e Vigo), unindo assim Portugal e Espanha. Em relação às restantes infraestruturas, o concelho localiza-se a 33 Km do aeródromo de Vila Real, a cerca de 49 Km da estação de comboios do Peso da Régua, a 115 Km do aeroporto internacional Francisco Sá Carneiro, que é o aeroporto que se situa mais perto, e a 121 Km do Porto de Leixões³.

² Fonte: <https://cm-vpaquiar.pt/>

³ Adaptado de <https://cm-vpaquiar.pt/>

O Município de Vila Pouca de Aguiar é formado de acordo com o definido pelos artigos 251.º e 252.º da Constituição da República Portuguesa⁴ (CRP) por um órgão de decisão (Assembleia Municipal) e por um órgão de execução (Câmara Municipal) respetivamente. A subunidade orgânica da integração no âmbito desse acolhimento é o Gabinete de Apoio ao Empresário que auxilia e fornece soluções aos empresários em coordenação com outras entidades públicas e privadas, bem como às empresas locais, o avanço sustentável da estrutura económica local e para a empregabilidade com uma perspetiva de modernização, competitividade e de atrair investimentos nacionais e internacionais.

2.1 Caracterização da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar

A CMVPA, sendo um órgão executivo, tem como objetivo definir e implementar políticas que estimulem o progresso do município em diferentes setores.

A estrutura orgânica do MVPA visível na Figura 1, segundo o Despacho n.º 909/2019⁵, é composta por duas unidades orgânicas nucleares: Departamento Administrativo e Financeiro; e Departamento de Ambiente, Urbanismo e Obras que são geridas por um líder intermédio de 2.º grau. É também constituída por cinco unidades orgânicas flexíveis: Divisão Administrativa e Jurídica; Divisão Financeira e Aprovisionamento; Divisão de Desenvolvimento Socioeconómico; Divisão de Ambiente e Urbanismo; e Divisão de Obras Municipais, unidades dirigidas por um chefe de divisão municipal, ou seja, um dirigente intermédio de 2.º grau, e um total de nove unidades orgânicas flexíveis de 3º grau, ou seja, por chefes de unidade.

⁴ Fonte: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

⁵ Fonte: https://cm-vpaquiar.pt/wp-content/uploads/2020/08/Nova_Organizacao_Servicos_2019.pdf

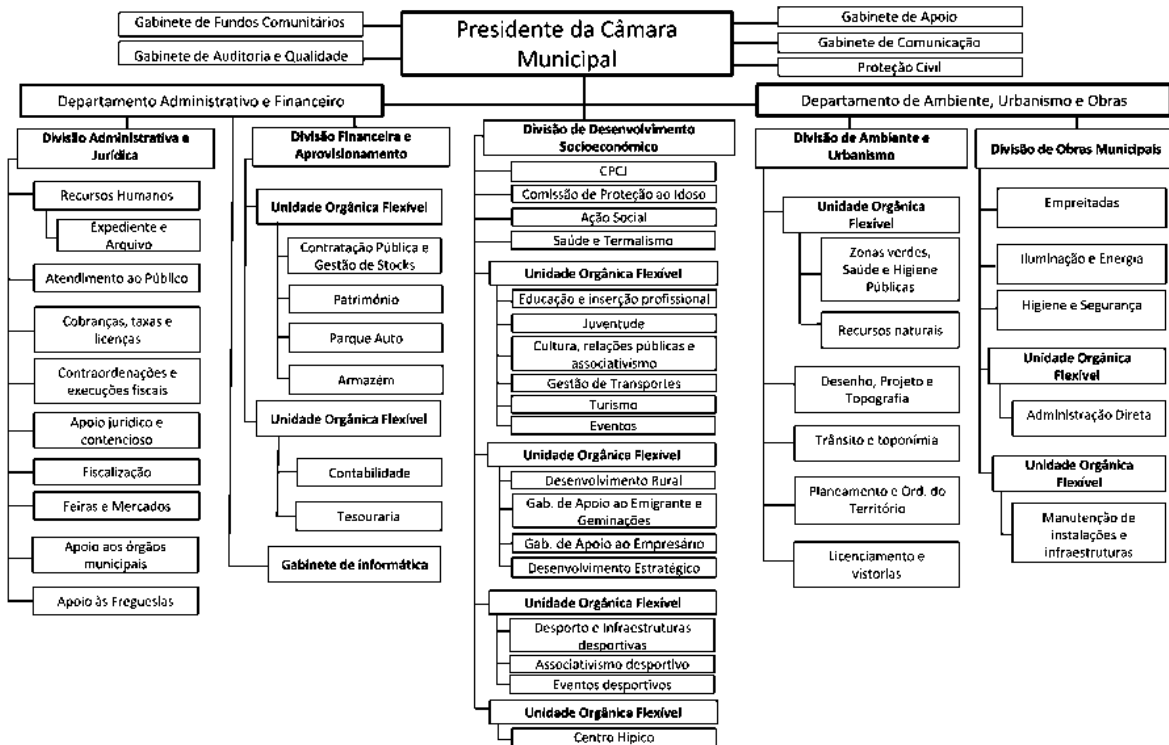


Figura 1: Organograma do Município de Vila Pouca de Aguiar.

Fonte: Adaptado de <https://cm-vpaguiar.pt/> (2024).

A CMVPA apoia o tecido empresarial através de: a) Incubadoras de empresas, tal como a *Florest Innovation Center* que tem como objetivo apoiar os empreendedores em processos de desenvolvimento sustentado em ideias de negócio e empresas que contribuem para a valorização da floresta e dos seus produtos; e a *Business Center* que compreende empresas de serviços ou indústrias que se apresentem com ideias de negócio inovadoras de qualquer área e que permitam acrescentar valor ao tecido empresarial local, com potencial regional, e que contenham fatores de inovação; b) Gabinete de Apoio ao Emigrante (GAE); c) Gabinete de apoio ao empresário; d) Parques Empresariais tal como a zona industrial de Sabroso de Aguiar e o Parque Empresarial de Vila Pouca de Aguiar.

2.2 Competências do Gabinete de Apoio ao Empresário

A Câmara Municipal criou o gabinete de apoio ao empresário com o propósito de oferecer um serviço personalizado ao munícipe, às empresas e ao empresário, uma vez que, o concelho de Vila Pouca de Aguiar é dinâmico, atrativo e possui um grande potencial de desenvolvimento económico. Desta forma, este gabinete permite proporcionar e facilitar uma melhoria na capacidade de acompanhamento empresarial.

O gabinete de apoio ao empresário, tal como o próprio nome indica, ocupa-se em oferecer suporte e soluções às empresas locais, assim como aos empresários colaborando com outras instituições públicas e privadas, de forma a contribuir para o desenvolvimento sustentável da estrutura

económica local e para a promoção de oportunidades de trabalho através da modernização, aumento da competitividade e atração de investimentos, tanto a nível nacional como internacional.

No que se refere às competências deste gabinete, apresenta-se de seguida a informação transcrita do *website* do Município de Vila Pouca de Aguiar, que sumaria especificamente as suas atuais atribuições:

- I. Promove uma relação personalizada com os agentes económicos do concelho e potenciais empreendedores;
- II. Apoia a criação de empresas;
- III. Analisa ideias e pretensões;
- IV. Presta informação relevante para a atividade económica, nomeadamente quanto à criação de empresas, localização industrial, licenciamento industrial e comercial, informação estatística, instrumentos de apoio nacionais e comunitários, normativas nacionais e comunitárias, oportunidades de negócio, entre outras do foro económico;
- V. Produz materiais informativos sobre diversificadas matérias de interesse para os agentes locais, com destaque para oportunidades de investimento, fontes de apoio à atividade empresarial e legal regularização do exercício da atividade económica;
- VI. Faz a ligação entre entidades públicas e privadas de âmbito local, regional e nacional, no sentido de facilitar o contacto entre empresários e as referidas instituições;
- VII. Gere a venda de lotes na Zona Industrial de Sabroso de Aguiar;
- VIII. Concebe e organiza sessões informativas, seminários, conferências e encontros temáticos, dirigidos ao setor empresarial do concelho;
- IX. Promove ações de formação profissional, perspetivando-se diminuir défices de competências profissionais detetados no meio empresarial local;
- X. Estabelece parcerias e envolvimento em projetos de âmbito local, regional e nacional, com outras instituições, promovendo dinâmicas geradoras de mudança em prol do desenvolvimento local e regional;
- XI. Estabelece redes de parcerias com entidades regionais, nacionais e internacionais;
- XII. Sensibiliza os agentes locais no sentido de perceberem a conjuntura atual, direcionada para a prática de iniciativas inovadoras, bem como atualização e enfoque nas áreas de desenvolvimento industrial e tecnológico;
- XIII. Acompanha e avalia os instrumentos necessários à formação de “modelos” que conduzam os vários atores locais a práticas concertadas, no sentido de atingirem níveis de desenvolvimento no âmbito das políticas de desenvolvimento regional;
- XIV. Efetua todos os procedimentos e tarefas que forem determinados por lei, regulamento ou despacho;
- XV. Realiza eventos de cariz económico, tais como feira do granito, feira do mel, feira das cebolas, feira de stocks e mostra gastronómica;
- XVI. Promove e apoia a criação do centro tecnológico de extração e transformação do granito.

3. Metodologia de Investigação

Na presente secção apresenta-se a metodologia de investigação, nomeadamente o objetivo do estudo, a explicação sobre de como foi realizada a recolha e do tratamento dos dados para além de referir a amostra em estudo.

3.1 Objetivo do Estudo

O empreendedorismo influencia a economia e a sociedade e esta investigação tem como objetivo analisar a importância que o empreendedorismo tem numa região do interior, como por exemplo, quais os principais setores ou os tipos de empreendedorismo que estão presentes na área, quais foram os desafios locais que os empresários tiveram de ultrapassar durante a pandemia e qual foi o papel do município no estímulo do empreendedorismo. Com este estudo pretende-se compreender melhor, na sua globalidade, o ecossistema empreendedor do concelho de Vila Pouca de Aguiar.

3.2 Recolha de Dados

Primeiramente, é importante referir que a diferença entre o número de empresas com o estatuto legal de sociedade, existentes em Vila Pouca de Aguiar, segundo a PORDATA, e o número de empresas com o mesmo estatuto, existentes em Vila Pouca de Aguiar, segundo os dados recolhidos deve-se à forma como são filtrados os dados. Segundo a informação recolhida por email junto do INE “O número de empresas incluído no indicador em causa corresponde a todas as empresas (incluindo sociedades, empresários em nome individual e trabalhadores independentes) que operam na produção de bens e/ou serviços durante esse período em todo o país, ou seja, todas as empresas ativas no período de referência. Ficam excluídas do escopo, as empresas financeiras e de seguros, bem como as entidades não orientadas para o mercado, como as unidades da administração pública central e local e as atividades associativas diversas. O escopo de atividade económica considerado abrange as empresas com atividade principal classificada nas secções A a S da CAE Rev.3, exceto as secções K e O”. Assim, e devido à proteção dos dados não se obteve acesso à base de dados do INE de forma a poder comparar os dados.

A recolha da informação, no sentido de analisar quais as empresas por forma jurídica de sociedade, que foram criadas nos últimos cinco anos e quais delas se mantêm no mercado, no concelho de VPA foi obtida através de documentação existente de registos em arquivos e em base de dados. Em primeiro lugar, foi efetuada uma pesquisa por cada ano no portal da justiça de forma a recolher quais os NIF das empresas que existiam naquele ano, além das datas de constituição e dissolução de cada empresa. De seguida, foi efetuada uma pesquisa na base de dados da SABI facultada pela UNIAG, por cada uma das empresas encontradas no portal da justiça com o intuito de obter mais informação sobre as empresas. Posteriormente ocorreu a tentativa de contacto com as empresas com o objetivo de recolher informação sobre o volume de negócios e o número de trabalhadores. Finalmente, ocorreu a solicitação dos dados sobre o volume de negócios e o número de trabalhadores de todas as empresas em sociedade existentes nos últimos cinco anos em Vila Pouca de Aguiar junto das plataformas *Informa D&B* e da *Iberinform*.

3.3 Tratamento dos Dados

Para a elaboração das estatísticas foi utilizado o software *Statistical Product and Service Solutions* (SPSS) que, segundo Coakes e Bradburn (2005), possui quase todas as características de técnicas estatística disponíveis, sendo frequentemente utilizado pelos investigadores para produzir resultados que permitam que se realizem análises quantitativas.

3.4 População vs Amostra em Estudo

Entre 2016 e 2019 o número médio de empresas ativas, no concelho de VPA era de 1356,75, segundo a informação disponibilizada no site da PORDATA.

Porém, o número de empresas registadas no Portal da Justiça, sob a forma jurídica de sociedade encontram-se registadas 492 empresas, correspondendo este número à população do presente

estudo. Destas 492, a maioria foram contactadas via email, obteve-se uma alta taxa de não resposta tendo se então obtido as informações das plataformas *Informa D&B*, da *Iberinform* e da base de dados da SIGA. Para análise de algumas variáveis como o volume de negócios e o número de trabalhadores apenas foram analisadas 88 empresas com a informação recolhida também nas plataformas referidas anteriormente.

4. Dinâmica do Empreendedorismo em Vila Pouca de Aguiar

4.1 Caracterização da Estrutura Empresarial

A nível económico, no concelho de VPA, estão representados todos os setores de atividade económica, isto é, o Setor Primário, o Setor Secundário e o Setor Terciário.

Segundo a (Infopédia) o Setor Primário inclui todas as operações que retirem recursos diretamente do ambiente natural sem qualquer modificação pelo que é exibido no concelho através das indústrias extrativas do granito e também pela agricultura (mel, castanhas, batatas), a pecuária e a silvicultura.

O Setor Secundário contém todas as atividades que modificam ou alteram a matéria-prima em produtos semiacabados ou acabados, e esta representado no concelho através da indústria transformadora, da construção civil e da produção de energia.

Por fim, o Setor Terciário que engloba o comércio e os serviços, consiste em atividades que não fabricam bens nem produtos, mas fornecem serviços, como é o exemplo da saúde, a educação, os seguros, o transporte, o turismo e os serviços públicos.

A seguinte Figura 2 contém informação sobre o número de empresas por setor de atividade (2016 e 2019).

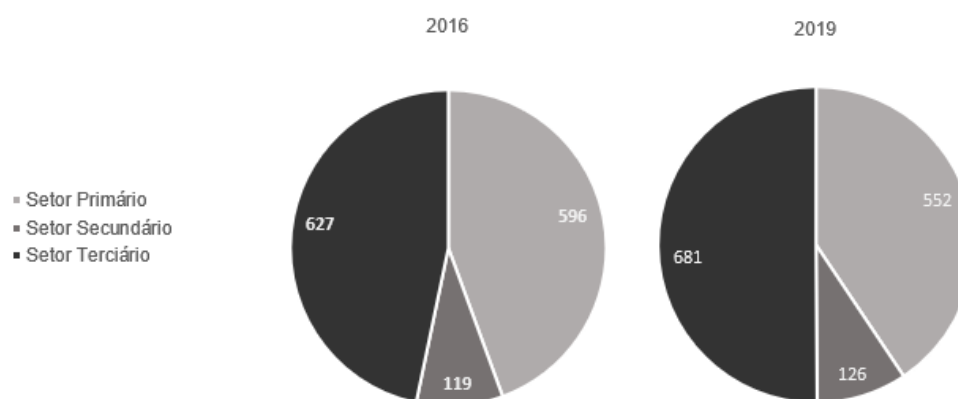


Figura 2: Número de empresas por setor de atividades (2016 e 2019).

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pela PORDATA.

No que respeita ao tecido empresarial, no ano de 2016, o número de empresas existentes no concelho era de 1342, Tabela 4. O concelho era caracterizado por um tecido empresarial com uma estrutura na qual as unidades produtivas ligadas à agricultura, setor primário, e ao comércio, setor terciário, predominavam correspondendo a 596 e 627 empresas existentes em cada um desses setores, respetivamente. Em 2019, o concelho continua a apresentar-se com uma estrutura fortemente influenciada pelo comércio e pelos serviços, e pode verificar-se pela Figura 2 que o setor terciário em relação a 2016 cresceu passando de 627 empresas para 681 em 2019.

A Tabela 3 apresenta informação sobre o pessoal ao serviço nas empresas não financiadas por setor de atividade económica.

Tabela 3: Pessoal ao serviço nas empresas não financiadas por setor de atividade económica.

Vila Pouca de Aguiar		Postos de trabalho/Ano			
Sector de atividade económica		2016	2017	2018	2019
1	Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	671	626	641	647
	Indústrias extrativas	194	211	188	182
	Indústrias transformadoras	646	663	696	675
2	Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	5	5	5	5
	Captação, tratamento e distribuição de água (...)	S.I.	S.I.	S.I.	S.I.
	Construção	336	340	366	402
	Comércio por grosso e a retalho (...)	488	478	490	502
	Transporte e armazenagem	71	76	58	56
	Alojamento, restauração e similares	202	198	230	240
3	Atividade de informação e comunicação	6	8	6	7
	Atividades imobiliárias	S.I.	17	13	S.I.
	Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	123	159	143	181
	Atividades administrativas e dos serviços de apoio	95	125	141	116

Nota: S.I. – Sem Informação.

Fonte: Adaptado de PORDATA (2022).

Tabela 3: Pessoal ao serviço nas empresas não financiadas por setor de atividade económica (cont.).

Vila Pouca de Aguiar		Postos de trabalho/Ano			
Sector de atividade económica		2016	2017	2018	2019
	Educação	61	60	69	77
	Atividades de saúde humana e apoio social	113	116	121	128
3	Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	16	19	10	17
	Outras atividades de serviços	95	103	108	105
Total		3122	3204	3285	3340

Fonte: Adaptado de PORDATA (2022).

Da análise da população empregada por ramo de atividade, Tabela 3, observa-se que em 2019 o setor terciário empregava um maior número de pessoas, 1429, seguido pelo setor secundário com 1082 e do setor primário com 829. Em comparação com o ano de 2016 verifica-se um crescimento significativo do setor terciário e secundário em detrimento do setor primário conforme pode ser constatado na o setor terciário empregava cerca de 1270 pessoas, o setor secundário empregava 987 e o setor primário 865 pessoas.

A seguinte Tabela 4 apresenta informação sobre todas as empresas individuais não financeiras por setor de atividade económica.

Tabela 4: Empresas individuais não financeiras: total e por setor de atividade económica.

Vila Pouca de Aguiar		Número de empresas/Ano			
Sector de atividade económica		2016	2017	2018	2019
1	Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	591	544	567	547
	Indústrias extrativas	5	6	5	5
	Indústrias transformadoras	26	27	28	25
2	Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	1	1	1	1
	Captação, tratamento e distribuição de água (...)	0	0	0	0
	Construção	92	91	100	100
	Comércio por grosso e a retalho (...)	183	180	185	190
	Transporte e armazenagem	10	9	10	10
	Alojamento, restauração e similares	124	118	140	139
	Atividade de informação e comunicação	2	3	1	1
	Atividades imobiliárias	4	4	2	3
3	Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	68	75	77	73
	Atividades administrativas e dos serviços de apoio	65	85	98	71
	Educação	51	51	60	58
	Atividades de saúde humana e apoio social	42	46	44	51
	Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	10	13	9	14
	Outras atividades de serviços	68	71	75	71
Total		1342	1324	1402	1359

Fonte: Adaptado de PORDATA (2022).

A Tabela 5 que se segue contém informação sobre a população residente por grandes grupos etários.

Tabela 5: População residente por grupos etários.

Vila Pouca de Aguiar					
Grupos etários	Número de residentes/Ano				
	2016	2017	2018	2019	2020
0-14	1.172	1112	1071	1031	994
15-64	7591	7450	7360	7322	7277
65 ou mais	3565	3600	3623	3632	3639
Total	11156	12162	12054	11985	11910

Fonte: Adaptado de PORDATA (2022).

O concelho contabilizava segundo a informação do PORDATA, em 2019, 1359 empresas individuais não financeiras (Tabela 4) que empregavam 3340 trabalhadores (Tabela 3), comparando com o ano de 2016, significa um acréscimo de 17 estabelecimentos e 218 postos de trabalho mesmo com a redução da população jovem (0-14 anos) e da população ativa (15-64 anos) e o crescimento da população idosa (65 ou mais anos) passando de 3565 no ano de 2016 para 3632 no ano de 2019 (Tabela 5).

A Figura 3 contém informação sobre os desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional, em percentagem, no total da população residente com 15 a 64 anos no Município de Vila Pouca de Aguiar.

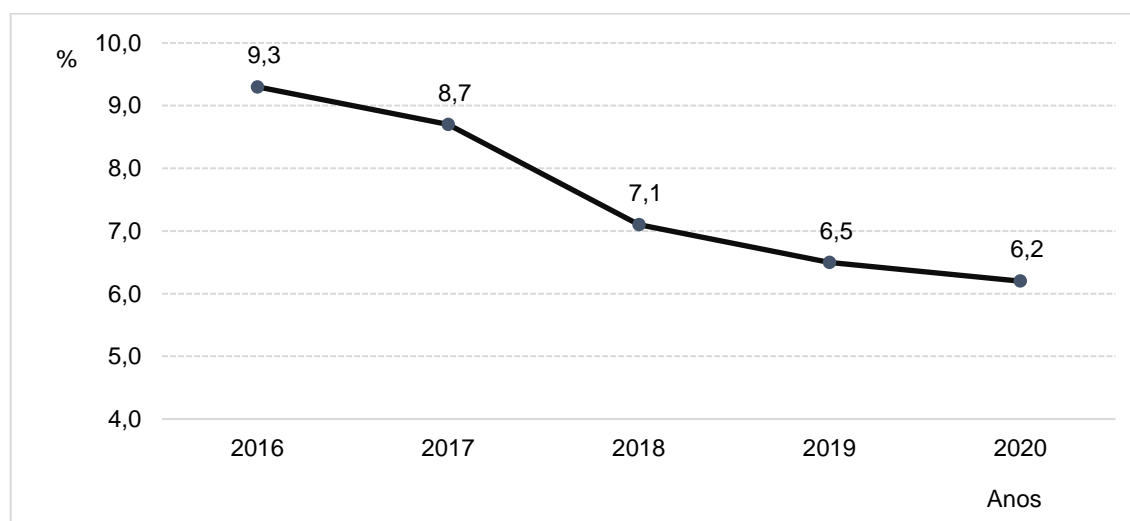


Figura 3: Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%).

Fonte: Adaptado de PORDATA (2022).

Do total de residentes de 7591 com idades de 15 a 64 anos em 2016 (Tabela 5) existiam 9,3% de pessoas inscritas no Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) (Figura 3). Pela Tabela 5 é visível que a população residente entre os 15 e os 64 anos vai diminuindo ao longo dos anos de 2016 para 2020 e também que a população mais velha, de 65 anos ou mais, vai aumentando, o que leva à diminuição do número de desempregados visível na Figura 3. Esta diminuição do número de desempregados também se deve ao aumento do número de empresas de 2016 para 2019 que tal

como foi referido anteriormente ocorreu um acréscimo de 17 estabelecimentos (Tabela 4) e 218 postos de trabalho (Tabela 3).

Em relação ao nível educacional da população que vive no concelho, verifica-se através da informação apresentada na Tabela 6 que a população residente de 2011 para 2021 sofreu um decréscimo de 1374 residentes. É notado que de 2011 para 2021 ocorreu uma grande descida do número de residentes sem nenhum nível de escolaridade passando de 3011 em 2011 (22,8%) para 1755 em 2021 (14,8%) e ocorreu um acréscimo de residentes que possuem o nível de ensino secundário e pós-secundário passando de 1234 em 2011 (9,3%) para 1794 em 2021 (15,1%) e o ensino superior completo passando de 813 em 2011 (6,1%) para 1130 em 2021 (9,5%).

Assim, em 2021, de um total de 11813 residentes a maior parte possui o ensino básico completo, 7134 residentes, o que corresponde a aproximadamente 60% da população total residente, com 3665 residentes do sexo feminino e 3469 residentes do sexo masculino (Tabela 6).

Tabela 6: População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Níveis de ensino.

Sexo	Níveis de ensino	Período de referência dos dados	
		2021	2011
		Local de residência	
		Vila Pouca de Aguiar	
		N.º	N.º
HM	Total	11813	13187
	Nenhum	1755	3011
	Ensino básico	7134	8126
	Ensino secundário e pós-secundário	1794	1237
	Ensino superior	1130	813
H	Total	5614	6362
	Nenhum	717	1266
	Ensino básico	3665	4204
	Ensino secundário e pós-secundário	824	582
	Ensino superior	408	310
M	Total	6199	6825
	Nenhum	1038	1745
	Ensino básico	3469	3922
	Ensino secundário e pós-secundário	970	655
	Ensino superior	722	503

Nota: H – Homens. M – Mulheres. HM – Homens e Mulheres.

Fonte: INE, Censos (2021).

4.2 Apresentação e Análise da Evolução do Número de Novas Empresas

Como referido anteriormente, na totalidade, foram recolhidas informações sobre 492 empresas com a forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar (Tabela 7). Algumas destas empresas foram constituídas entre 1905 e 2015 (Tabela 8) tendo algumas cessado a sua atividade ou mantendo-se ativas entre 2016 a 2021 pelo que são consideradas no presente estudo, uma vez que se encontram ativas e dissolvidas nos últimos cinco anos.

Tabela 7: Estado de atividade das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar.

	n	%
Ativa	357	72,6
Dissolução	76	15,4
Insolvência/Trâmites de composição	3	0,6
Liquidação	4	0,8
Temporariamente inativo	52	10,6
Total	492	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Da globalidade das 492 empresas selecionadas pela sua forma jurídica de sociedade, encontraram-se 357 empresas (72,6%), que se mantiveram ativas até 31 de dezembro de 2021 e 76 empresas (15,4%) que foram dissolvidas. As restantes empresas pertenciam aos estados de atividade de Insolvência/Trâmites de composição, Liquidação e a Temporariamente Inativa, ou seja, 3 (0,6%), 4 (0,8%) e a 52 (10,6%) empresas respetivamente (Tabela 7).

Existem evidências que demonstram que atividades empresariais diferem entre países (Stel et al., 2005), mas também entre zonas dentro do mesmo país (Audretsch & Keilbach, 2004). Ou seja, apesar das empresas partilharem a mesma região económica, divergem em termos da atividade empresarial e do seu impacto na economia da região, pelo que se pode considerar que dois fatores importantes neste estudo são o setor de atividade das empresas e o volume de negócios que irão ser abordados nesta subsecção.

Conforme a informação da Tabela 8, no ano de 2016, foram constituídas 29 empresas com a forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar, das quais grande parte se inseria nos setores de atividade económica de Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (6 empresas); do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (5 empresas) e da Construção (6 empresas).

Em relação ao número de empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas no ano de 2016, através da consulta da Tabela 9, pode verificar-se que foram dissolvidas 21 empresas assim distribuídas em maior parte pelos setores de atividade económica: Construção (3 empresas) e Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (4 empresas).

Tabela 8: Número de empresas por forma jurídica de sociedade constituídas por ano e setor de atividade em Vila Pouca de Aguiar.

Setores de Atividade Económica		Ano de constituição							Total	
		<2016 ^a	2016	2017	2018	2019	2020	2021		
1	Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	20	0	3	1	4	1	1	30	
	Alojamento, restauração e similares	19	3	3	3	2	0	3	33	
	Atividades administrativas e dos serviços de apoio	7	0	7	4	2	1	1	22	
	3	Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	5	0	0	0	1	0	0	6
		Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	23	6	2	2	2	3	1	39
		Atividades de informação e comunicação	3	1	0	0	0	0	1	5
	3	Atividades de saúde humana e apoio social	17	0	2	3	1	1	3	27
		Atividades Financeiras e de seguros	4	0	0	1	1	0	0	6
		Atividades imobiliárias	10	0	0	4	3	0	1	18
	2	Captação, Tratamento e Distribuição de Água; Saneamento, Gestão de Resíduos e Despoluição	1	1	0	0	0	0	0	2
3		Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico	72	5	8	3	6	3	9	106
2	Construção	48	6	3	2	6	7	5	77	
3	Educação	4	0	1	1	0	0	0	6	
2	Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	5	0	0	0	0	0	0	5	
	Indústria transformadora	39	4	1	3	2	1	3	53	
1	Indústrias extrativa	17	1	0	0	0	0	0	18	
3	Outras atividades de serviços	4	1	0	0	0	0	1	6	
	Transporte e armazenagem	28	1	3	0	1	0	0	33	
Total		326	29	33	27	31	17	29	492	

Nota: a – Empresas em sociedade nascidas entre 1905 e 2015.

Fonte: Elaboração própria.

Já no ano de 2017, ano com maior número de nascimentos de empresas, isto é, 33 empresas constituídas (Tabela 8) por forma jurídica de sociedade em VPA das quais a maioria incidiu sobre os setores de atividade económica das Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio com 7 empresas, e do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 8 empresas. As empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas no ano de 2017 foram 16 das quais grande parte pertence aos setores de

atividade económica de Alojamento, Restauração e Similares com 3 empresas e ao Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 3 empresas (Tabela 9).

Em 2018 foram constituídas 27 empresas (Tabela 8) por forma jurídica de sociedade em VPA, cuja grande parte pertenceu aos setores de atividade económica de Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio com 4 empresas e às Atividades Imobiliárias também com 4 empresas. Já o número de empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas no ano de 2018 foi de 24 empresas (Tabela 9) das quais a maior parte pertenceu aos setores de atividade económica de Construção com 4 empresas, e do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 6 empresas.

No ano de 2019 nasceram 31 empresas (Tabela 8) por forma jurídica de sociedade em VPA, em que grande parte pertencia aos setores de atividade económica de Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 6 empresas e da Construção também com 6 empresas. Em 2019 foram dissolvidas 16 empresas (Tabela 9) por forma jurídica de sociedade das quais a maioria pertencia aos setores de atividade económica de Alojamento, Restauração e Similares com 3 empresas, da Construção com 3 empresas e da Indústria Transformadora também com 3 empresas.

Já em 2020, ano com menor número de nascimentos de empresas, isto é, 17 empresas constituídas (Tabela 8) por forma jurídica de sociedade em VPA das quais a maioria incidiu sobre os setores de atividade económica das Atividades de Consultoria, científicas, técnicas e similares com 3 empresas, do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 3 empresas e da Construção com 7 empresas. Em 2020 foram dissolvidas 21 empresas por forma jurídica de sociedade em VPA (Tabela 9) cuja maior parte incidiu sobre os setores de atividade económica do Alojamento, Restauração e Similares com 3 empresas e a Construção também com 3 empresas.

Por fim em 2021 foram constituídas 29 empresas (Tabela 8) por forma jurídica de sociedade em VPA, em que a maioria pertenceu aos setores de atividade económica do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 9 empresas e da Construção com 5 empresas. Já em relação ao número de empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas no ano de 2021, que foi o ano que teve um maior número de empresas dissolvidas em relação aos últimos cinco anos, correspondendo a 35 empresas dissolvidas (Tabela 9) das quais a maioria pertencia aos setores de atividade económica do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico com 8 empresas, da Construção com 6 empresas e da Indústria Transformadora também com 6 empresas.

Tabela 9: Número de empresas por forma jurídica de sociedade dissolvidas por ano e setor de atividade em Vila Pouca de Aguiar.

		Ano de dissolução						Ativa ^a	Total	
		2016	2017	2018	2019	2020	2021			
Setores de Atividade Económica	1	Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	1	2	1	2	2	2	20	30
		Alojamento, restauração e similares	2	3	1	3	3	1	20	33
		Atividades administrativas e dos serviços de apoio	1	2	0	0	2	1	16	22
		Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	1	1	1	0	0	1	2	6
	3	Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	1	2	2	1	1	1	31	39
		Atividades de informação e comunicação	1	0	0	0	0	0	4	5
		Atividades de saúde humana e apoio social	1	0	0	0	2	0	24	27
		Atividades Financeiras e de seguros	0	0	0	0	0	0	6	6
		Atividades imobiliárias	1	0	1	0	2	3	11	18
	2	Captação, Tratamento e Distribuição de Água; Saneamento, Gestão de Resíduos e Despoluição	1	0	0	0	0	0	1	2
	3	Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico	4	3	6	2	2	8	81	106
	2	Construção	3	0	4	3	3	6	58	77
	3	Educação	0	0	0	0	0	1	5	6
	2	Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	0	0	1	0	0	0	4	5
		Indústria transformadora	2	2	2	3	2	6	36	53
1	Indústrias extrativa	0	0	3	1	1	0	13	18	
	Outras atividades de serviços	0	0	1	0	0	0	5	6	
3	Transporte e armazenagem	2	1	1	1	1	5	22	33	
Total		21	16	24	16	21	35	359	492	

Nota: a – Número de empresas ativas após 31/12/2021.

Fonte: Elaboração própria.

Pela Tabela 8 também se pode verificar que as principais áreas de atividade económica escolhidos pelas empresas em sociedade para criarem uma empresa ao longo dos últimos cinco anos são o Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico seguida da Construção e depois das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares. Já pela Tabela 9 pode se analisar que os principais setores de atividade económica que sofrem um grande número de empresas em sociedade a dissolverem-se ao longo dos últimos cinco anos são o Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico seguida da Construção e depois da Indústria Transformadora.

A seguinte Tabela 10 apresenta a Taxa de sobrevivência das empresas por forma jurídica de sociedade em percentagem para o concelho de Vila Pouca de Aguiar em um ano e em dois anos.

Tabela 10: Taxa de sobrevivência (%) das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar.

	1 ano	2 anos
2016	93,10%	79,31%
2017	96,97%	93,94%
2018	92,59%	85,19%
2019	96,77%	83,87%
2020	94,12%	-

Fonte: Elaboração própria.

Perante a Tabela 10, observa-se que as empresas por forma jurídica de sociedade durante 1 ano conseguem ter uma taxa de sobrevivência superior a 90%, em todos os anos, o que indica que a maioria das empresas consegue superar os desafios iniciais que normalmente são críticos para os novos negócios. Embora as taxas de sobrevivência em 2 anos sejam ligeiramente mais baixas que para 1 ano, continuam com valores próximos o que significa que apesar dos desafios as empresas conseguiram manter-se no mercado para além do curto prazo de 1 ano.

A Tabela 11 evidencia a taxa de sobrevivência das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar durante 1 ano por setor de atividade, a qual foi calculada verificando o número de empresas desse setor que foram constituídas nesse ano e o número de empresas dessas empresas que foram dissolvidas no ano seguinte.

Pela Tabela 10 podemos ver que das empresas nascidas no ano de 2016, ou seja, das 29 empresas (Tabela 8) apenas 93,10% sobreviveram 1 ano e apenas 79,31 % sobreviveram 2 anos. Através da informação da Tabela 11 é possível verificar a taxa de sobrevivência (%) das empresas durante um ano nos setores de atividade pelo que é possível analisar que no ano de 2016 das empresas que sobreviveram um ano, ou seja dos 93,10% , a maioria pertencia aos setores de atividade da Construção (20,69%), as Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (20,69%), ao Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (17,24%), à Indústria Transformadora (10,34%), e ao Alojamento, Restauração e Similares (10,34%) .

Tabela 11: Taxa de sobrevivência (%) das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar durante um ano por setor de atividade.

Setor de atividade	Taxa de sobrevivência (%)/Ano				
	2016	2017	2018	2019	2020
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	0,00	9,09	3,70	12,90	5,88
Indústria extrativa	3,45	0,00	0,00	0,00	0,00
Indústria transformadora	10,34	3,03	7,41	6,45	5,88
Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Captação, Tratamento e Distribuição de Água: Saneamento, Gestão de Resíduos e Despoluição	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Construção	20,69	9,09	7,41	19,35	35,29
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico	17,24	21,21	11,11	19,35	17,65
Transporte e Armazenagem	3,45	9,09	0,00	3,23	0,00
Alojamento, Restauração e Similares	10,34	9,09	7,41	6,45	0,00
Atividades de Informação e Comunicação	3,45	0,00	0,00	0,00	0,00
Atividades Financeiras e de Seguros	0,00	0,00	3,70	3,23	0,00
Atividades Imobiliárias	0,00	0,00	14,81	9,68	0,00
Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares	20,69	6,06	7,41	6,45	17,65
Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio	0,00	21,21	14,81	3,23	5,88
Educação	0,00	3,03	3,70	0,00	0,00
Atividades de Saúde Humana e Apoio Social	0,00	6,06	11,11	3,23	5,88
Atividades artísticas, de espetáculos, desportistas e recreativas	0,00	0,00	0,00	3,23	0,00
Outras atividades de serviços	3,45	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	93,10	96,97	92,59	96,77	94,12

Fonte: Elaboração própria.

Pela informação da Tabela 10 é possível analisar ainda que as empresas nascidas no ano de 2017, 33 empresas (Tabela 8), tem uma maior permanência em relação as nascidas no ano de 2016, uma vez que apresentam uma maior taxa de sobrevivência, isto é, 96,97% sobreviveram durante um ano e 93,94% sobreviveram durante dois anos. Das empresas que nasceram em 2017 e sobreviveram durante 1 ano (96,97%) a maioria pertencia aos setores de atividade do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (21,21%), as Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio (21,21%), à Agricultura, Produção Animal, Caça, Floresta e Pesca (9,09%), à Construção (9,09%), aos Transportes e Armazenagem (9,09%), ao Alojamento, Restauração e Similares (9,09%), as Atividades de Saúde Humana e Apoio Social (6,06%), e as Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (6,06%)(Tabela 11).

No ano de 2018 foram constituídas 27 empresas (Tabela 8) das quais 92,59% sobreviveram durante um ano e 85,19% sobreviveram durante dois anos (Tabela 10). Das empresas que sobreviveram durante um ano (92,59%) grande parte pertencia aos setores de atividade das Atividades

Administrativas e dos Serviços de Apoio (14,81%), das Atividades imobiliárias (14,81%), das Atividades de Saúde Humana e Apoio Social (11,11%), do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (11,11%), das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (7,41%), do Alojamento, Restauração e Similares (7,41%), da Construção (7,41%), e da Indústria Transformadora (7,41%) (Tabela 11).

Em 2019, constituíram-se 31 empresas (Tabela 8) das quais 96,78% sobreviveram um ano e 83,87% sobreviveram dois anos (Tabela 10). Das empresas que sobreviveram um ano, ou seja dos 96,78% a maioria pertencia aos setores de atividade do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (19,35%), da Construção (19,35%), da Agricultura, Produção Animal, Caça, Floresta e Pesca (12,90%) e das Atividades Imobiliárias (9,68%) (Tabela 11).

No ano de 2020 foram constituídas 17 empresas (Tabela 8) das quais 94,11% sobreviveram um ano (Tabela 10). Uma vez que a análise decorreu apenas para os últimos cinco anos, ou seja, de 2016 a 2021, não tenho informação para analisar a taxa de sobrevivência (%) das empresas por forma jurídica de sociedade que nasceram no ano de 2020 e se mantiveram ativas durante 2 anos. Pela Tabela 11, das empresas que sobreviveram um ano, ou seja dos 94,11%, a maioria pertence aos setores de atividade da Construção (35,29%), do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico (17,65%), e das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (17,65%).

Perante esta análise pode concluir-se que os quatro setores de atividade com maior taxa de sobrevivência ao longo dos últimos cinco anos em Vila Pouca de Aguiar nas empresas por forma jurídica de sociedade são a Construção, seguida do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico, seguida das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares e por último das Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio.

Após recolher informações sobre 492 empresas em Vila Pouca de Aguiar classificadas de acordo com sua forma jurídica de sociedade (Tabela13), foi identificado que faltam dados referentes ao número de funcionários e ao volume de negócios para algumas empresas. Para superar essa limitação, optou-se por filtrar os dados, concentrando a análise nas empresas que possuem todos os campos preenchidos para essas duas características ao longo dos últimos cinco anos. Como resultado desse processo e para uma análise mais detalhada, o número de empresas em estudo para as variáveis de volume de negócios e número de trabalhadores é de 88 empresas (Figura 4 e Tabela 12).

A seguinte Figura 4 contém informação sobre o número de empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar nos últimos cinco anos.

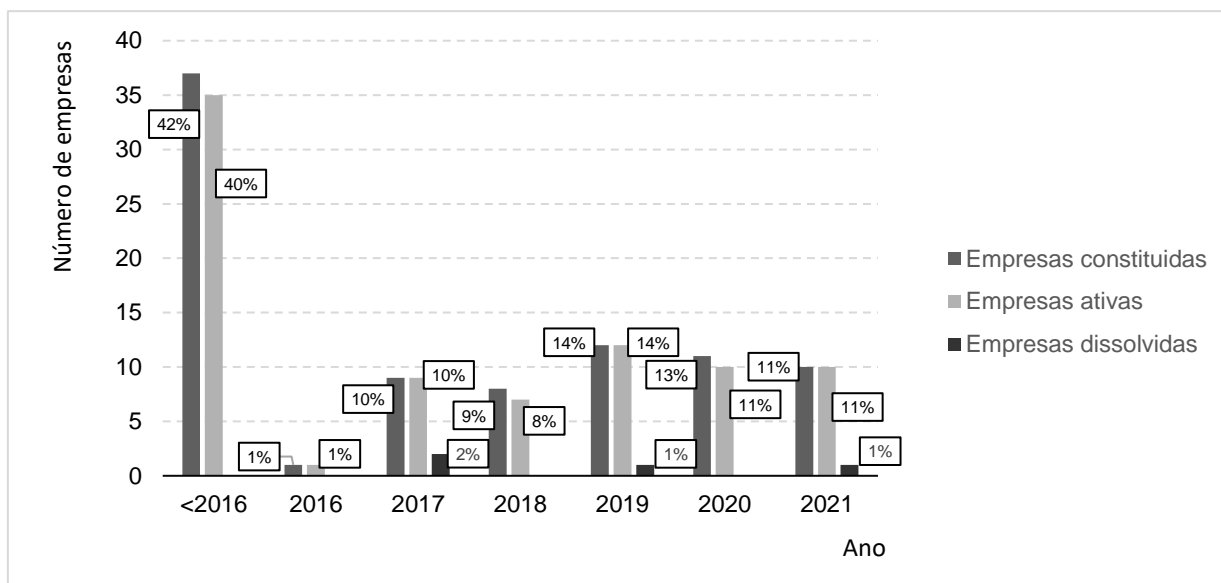


Figura 4: Número de empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar nos últimos 5 anos.

Fonte: Elaboração própria.

A seguinte Tabela 12 contém informação sobre o número de empresas constituídas, dissolvidas e ativas por forma jurídica de sociedades nos últimos cinco anos, ou seja, de 2016 a 2021 em Vila Pouca de Aguiar.

Tabela 12: Número de empresas constituídas, dissolvidas e ativas por forma jurídica de sociedade nos últimos 5 anos em Vila Pouca de Aguiar.

	<2016 ^a	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
Empresas Constituídas	37	1	9	8	12	11	10	88
Empresas Dissolvidas	-	0	2	0	1	0	1	4
Empresas Ativas	35	1	9	7	12	10	10	84

Nota: a - Empresas por forma jurídica de sociedade constituídas de 1968 a 2015 e ainda ativas ou que sofreram dissolvência no período de 2016 a 2021.

Fonte: Elaboração própria.

Esta amostra é composta por um total de 88 empresas por forma jurídica de sociedade das quais grande parte, ou seja, 37 foram constituídas antes de 2016 conforme indicado na Tabela 12. Esse conjunto de empresas anteriores a 2016 representa cerca de 42% do total, conforme ilustrado na Figura 4.

Adicionalmente, verifica-se na Tabela 12 que, das 37 entidades estabelecidas antes de 2016, um total de 35 empresas permaneceram em atividade após a data de 31 de dezembro de 2021, que marca o término do período analisado neste estudo. Portanto, considera-se essas 35 empresas como ativas, desde que tenham continuado a operar até essa data.

É relevante notar que a análise também revela uma proporção reduzida de empresas em processo de dissolução. O ponto mais elevado de dissolução ocorreu em 2017, afetando apenas 2 empresas. Isso corresponde a somente 2% do total, como representado na Figura 4.

Além das empresas constituídas antes de 2016, a Tabela 8 indica que a maioria das empresas estabelecidas entre os anos de 2016 e 2021 permaneceram em operação até o final de 2021. Considerando o conjunto de 88 empresas por forma jurídica de sociedade, constatou-se que, até 31 de dezembro de 2021, um total de 84 empresas permaneceram em atividade.

Tal como foi referido no ponto 1.4 sobre o estabelecimento de novas empresas e o desenvolvimento regional e seguindo a opinião de Van Praag e Versloot (2008) as pequenas empresas e as recém-criadas são a origem de um aumento substancial do número de novos empregos.

A seguinte Tabela 13 inclui o número de trabalhadores durante o período de 2016 a 2021 das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar.

Tabela 13: Número de empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar com determinado número de trabalhadores durante o período de 2016 a 2021.

Número de trabalhadores	Ano					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
250 ou mais	1	1	1	1	1	1
11 - 50	10	10	8	12	12	12
Até 10	27	36	44	52	62	72
Total	38	47	53	65	75	85

Fonte: Elaboração própria.

No ano de 2016 a 2021, pela Tabela 13 pode verificar-se que a maioria das empresas por forma jurídica de sociedade em estudo possuía entre 9 a 0 trabalhadores, ou seja, menos de 10 pessoas ao serviço. Isso indica que, durante esse período, predominavam as microempresas. Além disso, esse crescimento significativo sugere uma possível expansão no número dessas empresas ao longo do período.

Analisando a informação da Tabela 12 podemos também verificar que no ano de 2016, não existiu nenhuma empresa em dissolução pelo que neste ano existiam 38 empresas por forma jurídica de sociedade dum total de 88 empresas em estudo.

Em 2017, foram criadas 9 empresas (Tabela 12) das quais podemos concluir que foram microempresas uma vez que analisando a Tabela 13 vemos um aumento no valor de empresas com menos de 10 trabalhadores. No ano de 2017, ocorreu o encerramento de 2 empresas (Tabela 12), pelo que podemos constatar que no ano de 2017, existiam 47 empresas por forma jurídica de sociedade (Tabela 13) dum total de 88 empresas em estudo.

No ano de 2018 foram criadas 8 empresas, mas não é possível ter a certeza se foram microempresas ou pequenas empresas uma vez que em 2017, foram dissolvidas 2 empresas (Tabela 12), o que levou a alteração do número de empresas com menos de 10 pessoas ao serviço e com menos de 50 pelo que apenas se pode concluir que no ano de 2018 existiam 53 empresas por forma jurídica de sociedade (Tabela 13) dum total de 88 empresas em estudo.

Os restantes anos, de 2019, 2020 e 2021 sofreram um aumento do número de empresas de 12, 11 e 10 respetivamente, sendo que no ano de 2019 e 2021 houve uma empresa que entrou em dissolvência (Tabela 12). Assim, no ano de 2019 existiam 65 empresas, no ano de 2020 existiam 75 empresas e no ano de 2021 existiam 85 empresas por forma jurídica de sociedade (Tabela 13) dum total de 88 empresas em estudo.

Assim, segundo Parker (2009) as PME tem um efeito positivo na geração de emprego. Opinião que foi comprovada pela investigação de Reynolds et al. (1994) já referido também no ponto 1.4 e pode ser comprovada com este estudo, em que a maioria das pessoas ao serviço em empresas por forma jurídica de sociedade pertence a postos de trabalho criados por pequenas e médias empresas (Tabela 13).

A Tabela 14 apresenta o volume de negócios e o número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas antes e no ano de 2016.

Tabela 14: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas antes e no ano de 2016.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2016	38	849,4	42 974 050,0	62 492 574,3	1 644 541,4	6 939 007,560
Número de funcionários em 2016	38	0	306	634	16,7	49,415
Volume de negócios de 2017	38	500,0	46 992 127,0	68 157 781,7	1 793 625,8	7 581 075,258
Número de funcionários em 2017	38	1	320	656	17,3	51,685
Volume de negócios de 2018	36	1 2540,0	48 166 480,0	72 043 466,3	2 001 207,4	7 974 448,000
Número de funcionários em 2018	36	0	333	665	18,5	55,202
Volume de negócios de 2019	36	1 2000,0	55 326 120,0	81 507 074,6	2 264 085,4	9 162 433,186
Número de funcionários em 2019	36	1	317	666	18,5	52,539
Volume de negócios de 2020	36	7 689,0	45 635 722,0	73 311 987,4	2 036 444,1	7 563 334,642
Número de funcionários em 2020	36	0	291	651	18,1	48,412
Volume de negócios de 2021	36	5747,7	5 190 628,0	31 939 530,2	887 209,2	1 335 837,745
Número de funcionários em 2021	36	0	279	649	18,0	46,461

Fonte: Elaboração própria.

A análise da Tabela 14 revela que houve 37 empresas criadas antes de 2016 e 1 em 2016, totalizando 38 empresas em 2016. Devido à dissolução de 2 empresas no ano de 2017 (Tabela 12), o número de empresas em estudo para os anos de 2018 a 2021 passou para um total de 36 empresas.

Quanto às médias dos volumes de negócios (Tabela 15), observa-se um aumento de 2016 a 2019, mesmo considerando a dissolução de 2 empresas em 2017 (Tabela 12). Entretanto, entre 2019 e 2021, houve uma redução notável nas médias dos volumes de negócios, apesar do número de empresas se manter constante. Observando também o desvio padrão é verificável que de 2016 a 2019 sofreu um aumento o que indica uma maior variabilidade dos dados, mas de 2019 a 2021 é possível ver que decresce.

Em relação ao número de pessoal nas empresas, pode-se notar um padrão semelhante. De 2016 a 2019, as médias do número de funcionários experimentaram um crescimento, enquanto de 2019 a 2021, houve uma diminuição leve, porém perceptível, nas médias do número de trabalhadores. No período dos últimos cinco anos as empresas criadas antes ou em 2016 conseguiram manter os seus postos de trabalho e permitir novos de 2016 a 2019, após 2019 ocorreu uma pequena diminuição no total de trabalhadores nas empresas passando de 666 no ano de 2019 para 649 no ano de 2021 (Tabela 14).

Na Tabela 15, pode analisar-se o volume de negócio e o número de funcionários para empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar criadas no ano de 2017. A Tabela 12 anterior detalhou que houve um total de 9 empresas criadas neste específico ano e que, até 31 de dezembro de 2021, todas elas permaneceram em operação.

Tabela 15: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2017.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2017	9	2 115,0	88 016,1	190 378,9	21 153,2	28 073,561
Número de funcionários em 2017	9	0	3	12	1,3	,866
Volume de negócios de 2018	9	9 410,0	222 024,4	686 318,6	76 257,6	75 154,406
Número de funcionários em 2018	9	0	3	14	1,6	1,014
Volume de negócios de 2019	9	25 399,0	634 026,2	1 411 088,9	156 787,7	206 341,611
Número de funcionários em 2019	9	0	12	24	2,7	3,640
Volume de negócios de 2020	9	5 021,0	365 984,3	908 275,5	100 919,5	133 320,397
Número de funcionários em 2020	9	0	9	21	2,3	2,693
Volume de negócios de 2021	9	5 493,0	335 040,0	1 041 272,0	115 696,9	129 830,156
Número de funcionários em 2021	9	0	6	16	1,8	1,787

Fonte: Elaboração própria.

Pela análise da média do volume de negócios podemos verificar que de 2017 a 2019 ocorreu um aumento significativo, mas que de 2019 a 2021 ocorreu um decréscimo. O mesmo é verificável na média do número de pessoas ao serviço nas empresas, de 2017 a 2019 a média apresenta-se como crescente, mas de 2019 a 2021 ela sofre um decréscimo (Tabela 15).

Na Tabela 16, é possível visualizar o volume de negócios e o número de funcionários, nas empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar das empresas constituídas em 2018.

Tabela 16: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2018.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2018	8	4 060,2	393 311,1	799 552,7	99 944,1	157 081,186
Número de funcionários em 2018	8	0	8	16	2,0	2,673
Volume de negócios de 2019	8	12 021,0	623 515,5	947 265,3	118 408,2	205 158,668
Número de funcionários em 2019	8	0	9	15	1,9	3,044
Volume de negócios de 2020	7	5 318,0	606 865,6	912 890,1	130 412,9	213 574,880
Número de funcionários em 2020	7	0	8	14	2,0	2,828
Volume de negócios de 2021	7	7 281,0	681 550,0	1 006 700,0	143 814,3	239 473,561
Número de funcionários em 2021	7	0	8	14	2,0	2,828

Fonte: Elaboração própria.

É perceptível pela Tabela 16 que as empresas criadas no ano de 2018 sofreram um notável aumento na média do volume de negócios mesmo uma das empresas criadas neste ano tenha enfrentado dissolução no ano de 2019 (Tabela 12). Por outro lado, no que se refere à média do número de funcionários, ela se manteve praticamente estável.

Na Tabela 17, pode-se analisar o volume de negócios e o total de funcionários, nas empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar das empresas constituídas em 2019.

Tabela 17: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2019.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2019	12	5 134,5	106 105,5	567 077,7	47 256,5	30 491,642
Número de funcionários em 2019	12	0	7	29	2,4	2,151
Volume de negócios de 2020	12	13 956,3	497 678,7	1 276 570,8	106 380,9	132 091,869
Número de funcionários em 2020	12	0	12	39	3,3	3,334
Volume de negócios de 2021	12	20 711,0	851 190,0	1 825 708,0	152 142,3	228 106,012
Número de funcionários em 2021	12	0	8	37	3,1	2,575

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se verificar por esta tabela que a média do volume de negócios nas empresas sofreu um acréscimo notável (Tabela 17), como foi visto anteriormente na Tabela 8 no ano de 2019 foram constituídas 12 empresas e continuaram todas ativas até a 31 de dezembro de 2021. A média do pessoal ao serviço nas empresas teve um aumento de 2019 para 2020, mas sofreu um pequeno decréscimo de 2020 a 2021 (Tabela 17).

Na Tabela 18, encontra-se o valor do volume de negócios e do número de trabalhadores, nas entidades por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar das empresas constituídas em 2020.

Tabela 18: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2020.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2020	11	1 172,0	87 441,5	303 365,2	27 578,6	32624,841
Número de funcionários em 2020	11	1	3	17	1,6	,688
Volume de negócios de 2021	11	5 630,0	162 624,0	604 826,0	54 984,2	50048,982
Número de funcionários em 2021	11	1	3	21	1,9	,701

Fonte: Elaboração própria.

Conforme é possível visualizar na Tabela 18 tanto a média do pessoal ao serviço nas empresas como o volume de negócios nas empresas tiveram um crescimento de 2020 para 2021. Como já foi visto anteriormente na Tabela 12 no ano de 2020 foram constituídas 11 empresas, mas apenas 10 se encontravam ativas após 21 de dezembro de 2021. Mas neste caso, como a empresa que foi dissolvida em 2021 dissolveu-se a 30 de novembro de 2021 e tendo apresentado o volume de negócios também para este ano foi tida também em causa na Tabela 18 para o ano de 2021.

Na Tabela 19, é possível verificar o valor do volume de negócios e do número de funcionários, nas empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar das empresas constituídas em 2021, como já foi visto na Tabela 12 anteriormente, no ano de 2021 foram criadas 10 empresas e encontravam-se todas ativas a 31 de dezembro de 2021.

Tabela 19: Volume de negócios (euros) e número de trabalhadores das empresas por forma jurídica de sociedade constituídas no ano de 2021.

	n	Mínimo	Máximo	Soma	Média	Desvio Padrão
Volume de negócios de 2021	10	5 630,0	680 650,0	1 002 172,0	100 217,2	205 331,100
Número de funcionários em 2021	10	1	7	26	2,6	2,171

Fonte: Elaboração própria.

A seguinte Tabela 20 qualifica um pouco mais os resultados anteriores sendo possível observar a análise descritiva das taxas de crescimento anuais das empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar em análise, do volume de negócios e do número de trabalhadores para o período de 2020 a 2021 e seus subperíodos. O cálculo de cada período foi obtido através duma série de taxas de crescimento anual para o volume de negócios e para o número de trabalhadores ao longo do tempo especificado. Cada taxa de crescimento representa o aumento ou a diminuição percentual no volume de negócios e no número de trabalhadores daquele ano em relação ao anterior.

Tabela 20: Taxa de Crescimento Anual do Volume de Negócios e do número de trabalhadores por Período das empresas.

		Taxa de crescimento anual (%)
Taxa de crescimento anual do número de trabalhadores (%)	Número de trabalhadores 2016 ₃₈ -2017 ₄₇	5,36
	Número de trabalhadores 2017 ₄₇ -2018 ₅₃	4,04
	Número de trabalhadores 2018 ₅₃ -2019 ₆₅	5,61
	Número de trabalhadores 2019 ₆₅ -2020 ₇₅	1,09
	Número de trabalhadores 2020 ₇₅ -2021 ₈₅	2,83
Taxa de crescimento anual do volume de negócios (%)	Volume de negócios 2016 ₃₈ -2017 ₄₇	9,37
	Volume de negócios 2017 ₄₇ -2018 ₅₃	7,58
	Volume de negócios 2018 ₅₃ -2019 ₆₅	14,83
	Volume de negócios 2019 ₆₅ -2020 ₇₅	-9,14
	Volume de negócios 2020 ₇₅ -2021 ₈₅	-51,22

Fonte: Elaboração própria.

Pela Tabela 20, é viável analisar a taxa de crescimento anual para diferentes variáveis, como volume de negócios e o número de trabalhadores, ao longo do período de 2016 a 2021. Cada uma dessas taxas permite analisar a variação percentual das variáveis de um ano para o outro. Pode verificar-se que nos últimos anos, a evolução do número de trabalhadores e do volume de negócios das empresas do concelho de Vila Pouca de Aguiar tem refletido tendências significativas.

Observa-se um crescimento positivo nos primeiros anos, seguido por uma queda significativa tanto no volume de negócios quanto, em menor medida no número de trabalhadores, especialmente entre 2020 e 2021 período em que se verifica a Taxa de Crescimento anual mais baixa do volume de negócios correspondendo a -51,22%, isso significa que as empresas diminuíram o seu volume de negócios em cerca de -51,22%. A Taxa de crescimento anual mais baixa do número de trabalhadores verifica-se no período de 2019 a 2020 com 1,09%, isso significa que nesse período as empresas tiveram de diminuir o seu número de trabalhadores em cerca de 1,09% (Tabela 20).

A Taxa de Crescimento Anual do volume de negócios mais alta é a de 2018 a 2019 correspondendo a 14,83%, o que significa que, as empresas tiveram um crescimento de cerca de 14,83% no volume de negócios durante esse período. A Taxa de Crescimento Anual do Número de Trabalhadores mais alta também foi nesse período, de 2018 a 2019, correspondendo a 5,61% isso significa que, as empresas aumentaram o seu número de trabalhadores em cerca de 5,61 % nesse período (Tabela 20). Também podemos ver que esse período foi o que teve um maior aumento no número de empresas passando de 53 empresas em 2018 para 65 empresas em 2019.

Em geral, as análises evidenciam mudanças nas médias de volumes de negócios e número de trabalhadores ao longo dos anos de 2016 a 2021 para as empresas por forma jurídica de sociedade em Vila Pouca de Aguiar. Essas mudanças podem ser impactadas por fatores económicos e diversas circunstâncias que afetam o cenário empresarial.

Certamente, uma das circunstâncias mais impactantes e amplamente reconhecidas que essas empresas enfrentaram foi o período de isolamento imposto a seus funcionários devido à doença provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), conhecida como COVID-19. Esse evento teve repercussões significativas nas operações empresariais, causando interrupções na produção, mudanças nos modelos de trabalho e uma série de desafios relacionados à saúde e segurança dos colaboradores. A pandemia global da COVID-19 teve um efeito profundo em diversos setores económicos e nas dinâmicas empresariais em todo o mundo, a nível do concelho de VPA irá ser abordado de seguida no ponto 3.3.

4.3 Análise Comparativa da Criação de Empresas Antes e Durante Pandemia SARS-CoV-2

O município VPA enfrentou diversos desafios com o aparecimento do Covid-19, que é uma doença infecciosa provocada pelo novo coronavírus, conhecido cientificamente como Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2), da Família Coronaviridae, que teve origem na China no final de 2019 e se disseminou para outros países ao redor do mundo (Satomi, et al., 2020).

Em março de 2020, em resposta à rápida propagação da pandemia Covid-19 por todo o mundo, o Governo Português declarou o Estado de Emergência através do Decreto do Presidente da República n.º 14-A/2020, de 18 de março, como forma de enfrentar a circunstância de calamidade pública. Isso levou a um confinamento obrigatório dos cidadãos portugueses, o que teve um impacto significativo nas empresas, alterando imediatamente o modo de operação das organizações e dos modelos de trabalho (Figueiredo, Ribeiro, Passos, & Pereira, 2021). Com as medidas de isolamento social, as atividades que envolvem a concentração de pessoas foram proibidas, o que afeta diretamente a economia, tanto local quanto global. Isso ocorre porque a população consome menos bens e serviços, resultando em uma redução no rendimento das empresas, bem como na recolha de impostos pelo governo. Consequentemente, a diminuição desses fatores leva a uma redução no número de empregos disponíveis. Esse cenário impacta negativamente a economia como um todo (Freitas et al., 2020).

A pandemia da Covid-19 impactou fortemente o cenário empresarial em Portugal, forçando muitas empresas a se adaptarem para garantir a sua sobrevivência e o crescimento económico. Nesse sentido, as medidas tomadas priorizaram a reorganização do ambiente laboral e a gestão dos recursos humanos das empresas (Martins & Saúde, 2020).

Desta forma, muitas empresas tiveram que adotar o teletrabalho de forma repentina para manterem as suas atividades, sem terem tido a oportunidade de se prepararem e adaptarem a esta nova forma

de trabalho. Isto tornou as empresas e os trabalhadores mais vulneráveis, uma vez que muitos profissionais nunca tinham experimentado o trabalho remoto anteriormente (Figueiredo et al., 2021). De acordo com Bernardes, et al. (2020) e seguindo o mesmo contexto, a pandemia da Covid-19 afetou severamente as empresas, especialmente as micro e pequenas empresas. Como resultado, muitas empresas recorreram ao comércio eletrónico para se manterem em atividade, já que as suas lojas físicas foram encerradas devido ao confinamento obrigatório. No entanto, muitos empreendimentos, especialmente os de menor dimensão, ainda não estão familiarizados com o comércio eletrónico e não dispõem da estrutura necessária para competir com as grandes empresas.

Para efetuar a comparação entre a criação de empresas antes e durante a pademia do Covid-19 no município serão analisadas 86 empresas, uma vez que, conforme analisado na Tabela 12 no ano de 2017 foram dissolvidas duas empresas das 88 empresas em estudo. E será efetuada uma análise comparativa tendo como data de referência 27 de março de 2020, data em que surgiram os primeiros casos segundo o jornal da região Noticias de Aguiar (Noticias de Aguiar, 2023). Ao optar por esta abordagem pretende-se explorar as mudanças no ambiente empresarial resultantes das medidas de contenção da pandemia e das suas consequências para o empreendedorismo local no concelho de VPA. Assim, os dados serão divididos em dois períodos de 2018 a 2019 período anterior à pandemia e de 2020 a 2021 período em pandemia.

Através da Tabela 21 pode-se verificar que durante a pandemia o volume de negócios médio por empresa diminuiu significativamente, passando de 1 343 153,82 EUR antes da pandemia para 731 539,46 EUR durante a pandemia, tal como, indica a Taxa de Crescimento Anual (Tabela 20) ocorreu uma queda significativa tanto no volume de negócios quanto, em menor medida no número de trabalhadores, especialmente entre 2020 e 2021 período em que se verifica a taxa de crescimento anual mais baixa do volume de negócios correspondendo a -51,22% (Tabela 20). O que sugere que as empresas poderão ter enfrentado dificuldades financeiras durante a pandemia, como por exemplo a queda da procura por produtos e/ou serviços, restrições operacionais e a interrupção da cadeia de fornecimentos. Tal como foi referido anteriormente, o Governo Português declarou o Estado de Emergência o que levou a um confinamento obrigatório dos cidadãos portugueses levando assim a um impacto significativo nas empresas, alterando imediatamente o modo de operação das organizações e dos modelos de trabalho (Figueiredo et al., 2021).

Tabela 21: Volume de negócios médio por período no município de Vila Pouca de Aguiar.

	Período antes da pandemia (2018 a 2019)	Período durante a pandemia (2020 a 2021)
Soma do Volume de Negócios (€)	157 961 844,08	114 133 297,16
Número de empresas	65	85
Volume de negócios médio (€)	1 343 153,82	731 539,46

Fonte: Elaboração própria.

Apesar da redução do volume de negócios médio por empresa durante a pandemia podemos ver que o número de empresas aumentou nesse período passando de 65 antes da pandemia para 85 empresas durante a pandemia. O que poderá indicar uma resposta empreendedora à crise, com

mais pessoas à procura de iniciar o seu próprio negócio de forma a poder-se adaptar as mudanças nas condições económicas.

Tabela 22 : Número de trabalhadores médio por período no município de Vila Pouca de Aguiar.

	Período antes da pandemia (2018 a 2019)	Período durante a pandemia (2020 a 2021)
Soma do Número de trabalhadores	1429	1505
Número de empresas	65	85
Número de trabalhadores médio	12,20	9,43

Fonte: Elaboração própria.

Com a Tabela 22 verifica-se que durante a pandemia houve uma queda significativa no número médio de trabalhadores por empresa, passando de aproximadamente 12 antes da pandemia para aproximadamente 9 durante a pandemia o que sugere que as empresas poderão ter reduzido o número de funcionários como uma resposta às pressões económicas da pandemia, como a queda da procura ou as restrições operacionais. Analisando a Taxa de Crescimento Anual (Tabela 20) podemos verificar que a mais alta para o número de trabalhadores foi no período de 2018 a 2019, ou seja antes da pandemia, correspondendo a 5,61% o que significa que nesse periodo as empresas tiveram de aumentar o seu número de trabalhadores em 5,61%. Enquanto que a Taxa de Crescimento Anual mais baixa para o número de trabalhadores é de apenas 1,09%, tendo se verificado nos periodos de 2019 a 2020, ou seja no momento em que estaríamos a entrar no periodo da pandemia e na altura em que estariam a ser adaptadas medidas de contenção o que pode justificar esta baixa Taxa de crescimento Anual do número de trabalhadores (Tabela 20).

A seguinte Tabela 23 apresenta o número de empresas por setor de atividade durante os períodos antes e durante a pandemia em Vila pouca de Aguiar e mostra claramente a mudança no número de empresas em cada setor antes e durante a pandemia, destacando os setores que viram um aumento no número de empresas durante a pandemia como por exemplo o setor do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico, da Construção e das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares. Alguns fatores impulsionadores do crescimento destes setores durante a pandemia poderão ter sido por exemplo no setor da construção, o aumento da procura por reformas residenciais devido ao aumento do tempo gasto em casa durante o isolamento poderá ter impulsionado este crescimento. Já no setor do comércio como ocorreu uma transição para o comercio eletrónico e a adaptação de novos modelos de entrega poderá ter desempenhado um grande papel no crescimento do número de empesas neste setor. Quanto ao setor das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares como se teve de adaptar ao trabalho remoto poderá ter encontrado nesta forma uma procura por serviços deste setor.

Esta análise pode também ser comprovada pela pesquisa sobre o impacto da pandemia de COVID-19 no estabelecimento de empresas no Reino Unido elaborado por Bahaj, et al. (2022). Ao contrário da maioria das recessões anteriores do país, descobriram que a entrada de novas empresas aumentou durante a crise em várias economias desenvolvidas. Eles identificaram que a maioria das novas empresas está concentrada em setores específicos, como o comércio *online*, e é liderada por

empresários isolados, em vez de grupos de indivíduos com ações ou empresas como proprietárias. A criação de novas organizações está ligada com a mudança na procura por bens e serviços, pois quando a procura por lojas físicas diminui, aumenta a entrada de novas empresas em todos os setores, especialmente no comércio *online*. A pesquisa também apontou que a criação de novas organizações tem efeitos positivos na economia real, já que muitas delas começam a contratar novos funcionários logo após a sua criação.

Tabela 23: Número de empresas por setor de atividade durante os períodos antes e durante a pandemia em Vila pouca de Aguiar.

Setores de atividade económica	Número de empresas	
	Período antes da pandemia (2018 a 2019)	Período durante a pandemia (2020 a 2021)
1 Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	3	4
Indústrias extrativa	4	4
Indústria transformadora	9	9
2 Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	1	1
Captação, Tratamento e Distribuição de Água; Saneamento, Gestão de Resíduos e Despoluição	0	0
Construção	6	14
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico	16	22
Transporte e armazenagem	5	5
Alojamento, restauração e similares	2	2
3 Atividades de informação e comunicação	0	0
Atividades imobiliárias	1	2
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	7	9
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	3	4
Educação	1	1
Atividades de saúde humana e apoio social	2	3
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	1	1
Outras atividades de serviços	4	4
Total	65	85

Fonte: Elaboração própria.

Os restantes setores não parecem ter sido muito afetados uma vez que os que não tiveram um aumento de empresas no setor, conseguiram manter as que já existiam ainda estáveis. Isto pode indicar uma procura contínua por produtos e serviços oferecidos por estes setores.

Comparando esta análise com um estudo realizado pelo Banco de Portugal entre os meses de abril e julho de 2020 que avaliou o efeito da pandemia de COVID-19 nas organizações portuguesas, com uma amostra de mais de 8.800 empresas de diferentes áreas de atividade. Os principais resultados indicam que o setor com mais impacto foi o Alojamento e Restauração, que enfrentou uma queda significativa no volume de negócios no segundo trimestre e deverá ter uma recuperação mais lenta. Embora as vendas tenham sido afetadas, a maioria das empresas conseguiu manter os postos de trabalho, mas houve uma redução substancial no pessoal presente nas instalações das empresas devido às medidas de contenção. O trabalho remoto e a presença alternada foram medidas que ajudaram a atenuar esse impacto (Manteu et al., 2020).

Podemos concluir que enquanto o setor de Alojamento e Restauração enfrentou uma queda significativa no volume de negócios outros setores, como por exemplo o setor da Construção, do

Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico e as Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares parecem ter experimentado um crescimento ou poderão ter mantido uma estabilidade durante a pandemia.

Com a análise geral destes dados indica que mesmo que alguns setores tenham conseguido se adaptar e aumentar o número de empresas durante a pandemia (Tabela 23), a economia local como um todo enfrentou grandes desafios. A redução do número de funcionários (Tabela 22) e do volume de negócios (Tabela 21) sugere que as empresas tiveram que cortar os custos e procurar maneiras de se manterem ativas em um ambiente económico desafiador. Para além disso, os resultados ressaltam a importância de políticas e medidas de apoio governamentais para ajudar as empresas a enfrentar os desafios económicos durante a pandemia.

Consultando a página do município de Vila Pouca de Aguiar consegue obter-se informação sobre algumas das medidas aplicadas como forma de apoio as empresas do concelho como por exemplo, foi criado um Fundo Municipal de Emergência de Apoio às microempresas elegíveis que tiveram a oportunidade de receber uma parte da quantia orçamental de 150 mil EUR podendo assim ajudar a cobrir as suas despesas operacionais, pagar aos trabalhadores ou outras dívidas. Este tipo de fundos são uma forma que o município tem de apoiar o tecido empresarial da comunidade, especialmente durante períodos de crise económica ou de emergências como por exemplo, a pandemia da Covid-19.

Para além da criação deste fundo municipal, a Câmara Municipal de Vila Pouca De Aguiar acionou também estas medidas como forma de ajuda aos comerciantes locais e de forma a diminuir as consequências da pandemia (Teixeira, 2022, pp. 49-50):

- Isenção e redução do pagamento de rendas de concessão de lojas;
- Isenção e redução nas tarifas de abastecimento de água, saneamento e gestão de resíduos;
- Suspensão do pagamento dos parómetros;
- Isenção de pagamento de taxas e licenças dos comerciantes do Mercado de produtos Locais;
- Promover o consumo do comércio local através dos meios de comunicação do município;
- Isenção de taxas de ocupação de domínio público com mesas, cadeiras e estrados;
- Isenção pagamento de taxas de publicidade;
- Apoio à AECORGO na criação de uma plataforma eletrónica para compras on-line no comércio local;
- Continuação no apoio financeiro ao Associativismo concelhio;
- Os Centros de Saúde e as Escolas também foram uma prioridade, tendo o Município colocado mais assistentes operacionais e apetrechado os espaços de saúde com tendas e os espaços escolares com todo o material de higiene e desinfeção necessários;
- Apoio financeiro às Juntas de freguesia para que assegurassem o transporte de medicamentos e bens essenciais à população sénior;

- Apoio a jovens empreendedores, através do apoio de 1.000 EUR a jovens que criaram o próprio negócio após o início da pandemia.

Através destas medidas de apoio podemos confirmar que o município se preocupou em apoiar o crescimento económico local, e poderá ter sido devido a estas medidas que as empresas se conseguiram manter ativas e puderam surgir novas empresas em alguns setores durante a pandemia Covid-19.

As mudanças no ambiente empresarial resultantes das medidas de contenção da pandemia incluem alterações nos hábitos de consumo, a existência de incentivos governamentais e a reconfiguração de espaços de trabalho com o aumento do trabalho remoto e do comércio *online*.

Conclusões, Limitações e Recomendações

O atual estudo proporcionou uma análise abrangente da importância do empreendedorismo no município de VPA destacando a resiliência e adaptação das empresas locais durante a pandemia. De acordo com a revisão da literatura efetuada não existe um consenso sobre a definição de empreendedorismo já que o mesmo assume diversos significados, dependendo da situação. Para este estudo em si considera-se que o empreendedorismo é uma ferramenta essencial para a sobrevivência e prosperidade das empresas em um ambiente econômico em constante mudança. Uma vez que pudemos concluir com o estudo, que apesar de ter ocorrido a pandemia SARS-CoV-2, existiu um aumento de empresas em alguns setores mais propícios como o comércio, que poderá ter sido maioritariamente devido a mudanças na forma de trabalhar como optar por vender *online* e isto é empreendedorismo.

Na revisão da literatura pode ainda analisar-se os diversos tipos de empreendedorismo, no período anterior à pandemia considera-se que existiria um pouco de todos os tipos de empreendedorismo já que é um meio pequeno e envolvente a nível de comércio. No período durante a pandemia pode-se considerar que o tipo de empreendedorismo que teve uma maior aderência foi o empreendedorismo por necessidade, uma vez que, os empreendedores por necessidade

usualmente optam por negócios independentes devido á ausência de oferta de trabalho e para poder conservar o seu rendimento familiar (Silveira, Passos, & Martins, 2017) que foi o que a análise dos dados transmitiu, durante a pandemia aumentaram o número de empresas mas diminuiu o número de trabalhadores por empresas o que leva a crer que muitas empresas tiveram que recorrer a despedimentos de forma a conseguirem se manter ativas e as novas empresas poderão ser de apenas um indivíduo em busca de uma nova fonte de rendimento.

Através da análise dos dados recolhidos junto das empresas e das plataformas *informa D&B*, da *Iberinform* e da base de dados da SABI facultada pela UNIAG, podemos concluir que apesar de ser um pequeno concelho tem um empreendedorismo bastante alto. Pode notar-se que no decorrer dos últimos cinco anos os setores de atividade económica que continham mais empresas neste concelho eram o Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico seguida da Construção e depois as Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares. Mas também se notou que nos últimos cinco anos os setores de atividade económica que sofreram uma enorme dissolução foram o Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico seguida da Construção e depois a Indústria Transformadora. Perante esta análise é de fácil perceção que o setor de atividade económico do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico durante os últimos cinco anos estaria em maior mudança. Observando durante os cinco anos, pode-se constatar que no ano de 2017 foram constituídas o maior número de empresas no concelho correspondendo a 33 empresas e o ano com um menor aumento de empresas foi o ano de 2020 com apenas 17 novas empresas. Analisando a taxa de sobrevivência das organizações pode notar-se que os quatro setores de atividade com uma maior taxa são a Construção, seguida do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico, seguida das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares e por último das Atividades Administrativas e dos Serviços de Apoio.

Ao longo da investigação, foi evidenciado que o empreendedorismo desempenha um papel fundamental na fundação de novos postos de trabalho, na promoção da inovação e no estímulo ao crescimento económico. Podendo declarar que os dois setores de atividade com maior predominância no concelho de Vila Pouca de Aguiar são o Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico e a Construção.

Porém, também se verificou que os empreendedores enfrentaram uma serie de desafios no meio desses cinco anos em estudo, isto é, o aparecimento da pandemia SARS-CoV-2 o que levou a fazer uma comparação com o período anterior à pandemia e o período durante a pandemia. Em resposta à rápida propagação da pandemia COVID-19 em todo o mundo, o Governo Português declarou o Estado de Emergência através do Decreto do Presidente da República n.º 14-A/2020, de 18 de março, como forma de enfrentar a circunstância de calamidade pública. Isso levou a um confinamento obrigatório de todas as pessoas, o que teve um importância significativo nas

empresas, alterando de forma imediata o modo de operação das organizações e dos modelos de trabalho. Com as medidas de isolamento social, as atividades que envolvem a aglomeração de pessoas foram proibidas, o que afeta diretamente a economia, tanto local quanto global. Isso ocorre porque a população consome menos bens e serviços, resultando em uma redução no rendimento das empresas, bem como na recolha de impostos pelo governo. Consequentemente, a diminuição desses fatores leva a uma redução no número de empregos disponíveis.

Os resultados revelaram que no decorrer da pandemia o volume de negócios médio por empresa diminuiu consideravelmente o que sugere que as empresas poderão ter enfrentado dificuldades financeiras durante a pandemia, como por exemplo a queda da procura, restrições operacionais e a interrupção da cadeia de fornecimentos que podem ter sido causadas devido ao confinamento obrigatório. Apesar da redução do volume de negócios médio por empresa durante a pandemia verificou-se que o número de empresas aumentou nesse período o que poderá indicar uma resposta empreendedora à crise, com mais pessoas à procura de iniciar o seu próprio negócio de forma a adaptar-se as mudanças nas condições económicas. No período durante a pandemia também se verificou uma queda significativa no número médio de trabalhadores por empresa o que sugere que as organizações poderão ter optado por reduzir o número de funcionários como uma resposta às pressões económicas da pandemia, como a queda da procura ou as restrições operacionais. Na análise comparativa destes dois períodos também se concluiu que os setores de atividade económica que viram um crescimento no número de organizações durante a pandemia foram o setor do Comércio por Grosso e a Retalho, Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico, da Construção e das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares. Os fatores impulsionadores do crescimento destes setores durante a pandemia poderão ter sido, no setor da construção, o aumento da procura por melhorias nas habitações devido ao aumento do tempo gasto em casa durante o isolamento poderá ter impulsionado este crescimento. Já no setor do comércio como ocorreu uma transição para o comércio eletrónico e a adaptação de novos modelos de entrega poderá ter desempenhado um grande papel no crescimento do número de empresas neste setor. Quanto ao setor das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares como se teve de adaptar ao trabalho remoto poderá ter encontrado nesta forma uma procura por serviços deste setor.

Por fim, o estudo concluiu que as medidas de apoio que a Câmara VPA acionou de modo a ajudar os comerciantes locais teve uma forte importância no empreendedorismo local, se não fosse estas medidas a análise dos dados poderia ter mostrado o inverso da situação atual uma vez que as medidas de apoio como por exemplo, a isenção e redução do pagamento de rendas de concessão de lojas, assim como a isenção de pagamento de taxas e licenças dos comerciantes do Mercado de produtos Locais e o apoio a jovens empreendedores, através do apoio de 1.000 EUR a jovens que estabeleceram o seu próprio negócio, ofereceu uma grande ajuda a que muitas empresas pudessem manter as suas portas abertas.

Na continuação da realização do estudo foram identificadas algumas limitações que de certa forma condicionaram os resultados alcançados. Desta forma, a principal limitação identificada está

associada com a disponibilidade dos dados atualizados, a ausência de resposta de grande parte das empresas que foram contactadas, e a falta de informação disponível condicionaram o estudo de maneira a não conseguir todas as informações necessárias e a um maior esforço da minha parte para pesquisar informação individual sobre cada empresa no portal da justiça e na base de dados da SABI, além de contactar plataformas de dados como, por exemplo, a *informa D&B* e a *Iberinform* de forma a obter o máximo de informação possível para o estudo.

Como recomendações, sugere-se à Câmara de Municipal terem uma base de dados com informações de todas as empresas existentes no concelho proporcionando assim acesso a dados importantes para estudos de mercado e políticas de desenvolvimento local. Criar um sistema *online* onde as empresas possam registar e atualizar as suas informações regularmente bem como colocar as suas dúvidas de forma mais rápida, e esse sistema poderia também servir para integrar serviços municipais como o licenciamento, a fiscalização e os programas de incentivo. Outra recomendação seria a promoção da dinamização de práticas de empreendedorismo para jovens de forma a estimular a cultura empreendedora entre os jovens de forma a fornecer-lhes ferramentas e conhecimentos para iniciarem os seus próprios negócios como *workshops* ou formações. E incentiva-se a criação de um espaço que ajude a desenvolver novas ideias e *start-ups* na região onde ajudem as empresas a crescer, oferecendo mentoria. Por último, recomenda-se o incentivo a corporação e rede de apoio entre empresas, ou seja, uma rede local entre as empresas onde estas possam partilhar conhecimento, inovação e oportunidades de negócio.

Referências Bibliográficas

- Abu-Saifan, S. (2012). Social Entrepreneurship: Definition and Boundaries. *Technology Innovation Management Review*, 2(2), 22-27. Obtido de <https://timreview.ca/article/523>
- Anbumozhi, V., & Kimura, F. (2020). Regional Frameworks for Advancing Supply Chain Resilience and Business Continuity Plans. *Supply Chain Resilience*, 307-338. doi:https://doi.org/10.1007/978-981-15-2870-5_12
- Andersson, M., & Koster, S. (2011). Sources of persistence in regional start-up rates—evidence from Sweden. *Journal of Economic Geography*, 11(1), 179-201. doi:<https://doi.org/10.1093/jeg/lbp069>
- André, A. J. (2015). *Ser empreendedor com base em processo de inovação competitivo*. (Master's thesis). Obtido de <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/6486>
- Araújo, P. J. (2020). *Caracterização dos empreendimentos e perfil dos empreendedores do centro comercial de Coronel João Pessoa-RN*. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Obtido de <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/4883>
- Araújo, V. E. (2020). *Empreendedor nascente : Plano de negócios da RV Consulting - Gestão de Recursos Humanos e Consultoria, Lda*. (Master's thesis), Instituto Politécnico de Tomar. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/36648>
- Asheim, B. T., Boschma, R., & Cooke, P. (2011). Constructing Regional Advantage: Platform Policies Based on Related Variety and Differentiated Knowledge Bases. *Regional Studies*, 45(7), 893-904. doi:<https://doi.org/10.1080/00343404.2010.543126>
- Assunção, A. G., Queiroz, F. A., & Costa, R. A. (2017). As variáveis necessidade e oportunidade e as suas influências na abertura de micro e pequenas empresas : um estudo de campo no centro comercial de Macapá-AP. *Saber Humano: Revista Científica da Faculdade*, 7(10), 126-143. Obtido de <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/201>
- Audretsch, D. B., & Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship and regional growth: an evolutionary interpretation. *Journal of Evolutionary Economics*, 14(1), 605-616. doi:<https://doi.org/10.1007/s00191-004-0228-6>
- Audretsch, D., & Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship and regional growth: an evolutionary interpretation. *Journal of Evolutionary Economics*, 14(1), 605-616. Obtido de <https://link.springer.com/article/10.1007/s00191-004-0228-6>
- Baggio, A. F., & Baggio, D. K. (2014). Empreendedorismo: Conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), 25-38. Obtido de <http://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/view/612/522>

- Bahaj, S., Piton, S., & Savagar, A. (2022). *Business Creation During Covid-19*. Bank of England Working Paper 981. Obtido de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4130497
- Bansal, S., Garg, I., & Sharma, G. D. (2019). Social Entrepreneurship as a Path for Social Change and Driver of Sustainable Development: A Systematic Review and Research Agenda. *Sustainability*, 11(4), 1-28. Obtido de <https://www.mdpi.com/2071-1050/11/4/1091>
- Baptista, R., Escária, V., & Madruga, P. (2008). Entrepreneurship, regional development and job creation: the case of Portugal. *Small Business Economics*, 30(1), 49-58. doi:<https://doi.org/10.1007/s11187-007-9055-0>
- Bernardes, J. R., Silva, B. L., & Lima, T. C. (2020). Os impactos financeiros da Covid-19 nos negócios. *Revista da FAESF*, 4(1), 43-47. doi:<https://doi.org/10.58969/25947125.4.0.2020.115>
- Boas, E. P., & Santos, S. A. (2014). Empreendedorismo corporativo: estudo de casos múltiplos sobre as práticas promotoras em empresas atuantes no Brasil. *Revista de administração*, 49(2), 399-414. Obtido de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716303545>
- Buarque, S. C. (2008). *Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento* (4 ed.). Rio de Janeiro: Garamond Ltda.
- Caliendo, M., & Kritikos, A. S. (2019). *"I Want to, But I Also Need to": Start-Ups Resulting from Opportunity and Necessity*. (E. Lehmann, & M. Keilbach, Edits.) From Industrial Organization to Entrepreneurship: Springer, Cham. Obtido de https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-25237-3_23#citeas
- Carballo, I. E., Belloni, M. C., López Amorós, M., & Fracchia, E. L. (2017). Empreendedorismo e políticas públicas. Uma introdução à literatura. *Perspectivas de Políticas Públicas*, 7(13). doi:<https://doi.org/10.18294/rppp.2017.1671>
- Carlsson, B., Braunerhjelm, P., McKelvey, M., Olofsson, C., Persson, L., & Ylinenpaa, H. (2013). The evolving domain of entrepreneurship research. *Small Business Economics*, 41(4), 913-930. Obtido de <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11187-013-9503-y.pdf>
- Carree, M. A., & Thurik, A. R. (2010). The Impact of Entrepreneurship on Economic Growth. *Handbook of Entrepreneurship Research*, 5(1), 557-594. doi:https://doi.org/10.1007/978-1-4419-1191-9_20
- Carter, N. M., Gartner, W. B., Shaver, K. G., & Gatewood, E. J. (2003). The career reasons of nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(1), 13-39. Obtido de https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883902602000782?casa_token=tPoJKipYLIAAAA:rF5p_01RjbR48h1iDZElywgqoA1JpYAfNNVmvtnW_rqwKj4NEcHar7EWHn11XFAVWDkinDUt8

- Carvalho, A. C., Souza, B. A., Rezende, F. S., & Souza, M. C. (2018). Perfil dos empreendedores de startup de um programa de aceleração do estado de minas gerais. *Desafio Online*, 6(3), 410-430. Obtido de <https://desafioonline.ufms.br/index.php/deson/article/view/4936/5144>
- Carvalho, L. C., & Costa, T. G. (2015). *Empreendedorismo : Uma Visão Global e Integradora*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Cassar, G. (2007). Money, money, money? A longitudinal investigation of entrepreneur career reasons, growth preferences and achieved growth. *Entrepreneurship & Regional Development*, 19(1), 89-107. Obtido de https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08985620601002246?casa_token=V2w8ObjUriEAAAAA%3AYYIH_HjQdFTYMqe8X98c-oPg6Xbe9uCfSY_jmb4rXQXS9HUQ6LfVktMT6nn5rgzJj6aiTwGZKZsoKOY
- Coakes, E., & Bradburn, A. (2005). What is the value of intellectual capital? *Knowledge Management Research & Practice*, 3(2), 60-68. Obtido de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1057/palgrave.kmrp.8500050>
- Cornélio, P. N. (2017). *O papel da Faculdade de Economia no fomento do empreendedorismo em Benguela/Angola*. (Master's thesis), Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Obtido de <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9764>
- Cunha, J. F. (2017). *Diferenças regionais na criação de empresas*. (Master's thesis), Universidade do Minho. Obtido de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/49739>
- Diniz, D. M., Cordeiro, G. V., Mendonça, F. M., & Siqueira, P. H. (2020). Types of Entrepreneurs and Their Distinctive Features: a Study in São João Del Rei (Minas Gerais, MG). *Revista Geintec-Gestão inovação e tecnologias*, 10(2), 5399-5414. Obtido de <https://revistageintec.net/index.php/revista/article/view/1446>
- Disney, R., Haskel, J., & Heden, Y. (2003). Restructuring and Productivity Growth in UK Manufacturing. *The Economic Journal*, 113(489), 666-694. doi:<https://doi.org/10.1111/1468-0297.t01-1-00145>
- Dorf, B., & Blank, S. (2018). *Startup: Manual do Empreendedor: O guia passo a passo para construir uma grande empresa*. Alta Books.
- Dornelas, J. C. (2015). *Empreendedorismo na prática : mitos e verdades do empreendedor de sucesso* (3 ed.). (LTC, Ed.)
- Drucker, P. F. (1985). *Innovation and entrepreneurship: Practices and principles*. New York: Harper & Row.
- Duarte, J., & Esperança, J. P. (2014). *Empreendedorismo e Planeamento Financeiro*. Lisboa: Edições Sílabo Ltda.

- Estrin, S., Mickiewicz, T., & Stephan, U. (2016). Human capital in social and commercial entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 31(4), 449-467. Obtido de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883902616300192>
- Fairlie, R. W., & Fossen, F. M. (2018). *Opportunity Versus Necessity Entrepreneurship: Two Components of Business Creation*. CESifo Working Paper.
- Figueiredo, E., Ribeiro, C., Passos, C., & Pereira, P. (2021). *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 21(2), 1427-1438. Obtido de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572021000200002&script=sci_abstract&lng=en
- Freitas, A. R., Napimoga, M., & Donalizio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e serviços de saúde*, 29(2). Obtido de <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n2/e2020119>
- Fritsch, M. (2008). How does new business formation affect regional development? Introduction to the special issue. *Small Business Economics*, 30(1), 1-14. doi:<https://doi.org/10.1007/s11187-007-9057-y>
- Fritsch, M., & Flack, O. (2007). New Business Formation by Industry over Space and Time: A Multidimensional Analysis. *Regional Studies*, 41(2), 157-172. doi:<https://doi.org/10.1080/00343400600928301>
- Fritsch, M., & Kublina, S. (2019). Persistence and change of regional new business formation in the national league table. *Journal of Evolutionary Economics*, 29(1), 891-917. doi:<https://doi.org/10.1007/s00191-019-00610-5>
- Fritsch, M., & Mueller, P. (2004). Effects of New Business Formation on Regional Development over Time. *Regional Studies*, 38(8), 961-975. doi:<https://doi.org/10.1080/0034340042000280965>
- Fritsch, M., & Mueller, P. (2008). The effect of new business formation on regional development over time : the case of Germany. *Small Business Economics*, 30(1), 15-29. doi:10.1007/s11187-007-9067-9
- Fritsch, M., & Schroeter, A. (2011). Why does the effect of new business formation differ across regions? *Small Business Economics*, 36(1), 383-400. doi:<https://doi.org/10.1007/s11187-009-9256-9>
- Fritsch, M., & Wyrwich, M. (2014). The Long Persistence of Regional Levels of Entrepreneurship: Germany, 1925–2005. *Regional Studies*, 48(6), 955-973. doi:<https://doi.org/10.1080/00343404.2013.816414>
- Fritsch, M., & Wyrwich, M. (Fevereiro de 2017). Persistence of regional entrepreneurship: Causes, effects, and directions for future research. Friedrich Schiller University Jena. Obtido de <https://www.econstor.eu/handle/10419/162488>

- Fritz, M. M., & Silva, M. E. (2018). Exploring supply chain sustainability research in Latin America. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 48(8), 818-841. doi:10.1108/IJPDLM-01-2017-0023
- Gaspar, F. C. (2010). *O processo empreendedor e a criação de empresas de sucesso* (2 ed.). Lisboa: Silabo.
- Gatner, W. B. (1985). A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Creation. *Academy of Management Review*, 10(4), 696-706. doi:https://doi.org/10.5465/amr.1985.4279094
- GEM. (2016). *Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal*. Obtido de http://www.spi.pt/documents/studies/GEM_Portugal_2016_Report.pdf
- González-Pernía, J. L., & Peña-Legazkue, I. (2015). Export-oriented entrepreneurship and regional economic growth. *Small Business Economics*, 45(1), 505-522. doi:https://doi.org/10.1007/s11187-015-9657-x
- Gunasekaran, A., Rai, B. K., & Griffin, M. (2011). Resilience and competitiveness of small and medium size enterprises: an empirical research. *International Journal of Production Research*, 49(18), 5489-5509. doi:https://doi.org/10.1080/00207543.2011.563831
- Haleem, A., & Javid, M. (2020). Effects of COVID-19 pandemic in daily life. pp. 78-79. doi:10.1016/j.cmrp.2020.03.011
- Herron, L., & Sapienza, H. J. (1992). The Entrepreneur and the Initiation of New Venture Launch Activities. *Entrepreneurship Theory and practice*, 17(1), 49-55. doi:https://doi.org/10.1177/104225879201700106
- Hilsdorf, C. (2015). *Atitudes empreendedoras: Como transformar sonhos em realidade e fazer seu projeto de vida acontecer* (1 ed.). São Paulo: Schwarcz S.A.
- Hirata, A. Y. (2013). *Perfil empreendedor: as principais características de um empreendedor serial*. Centro Universitário de Brasília, Brasília. Obtido de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/4968>
- IAPMEI. (2016). *Guia Prático do Empreendedor*. Portugal. Obtido em 10 de 12 de 2021, de <https://www.iapmei.pt/getattachment/PRODUTOS-E-SERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo/Guias-e-Manuais-de-Apoio/GuiaEmpreendedor.pdf.aspx?lang=pt-PT>
- Infopédia. (s.d.). Setores de atividade económica na Infopédia. Porto: Porto Editora. Obtido em 02 de 02 de 2022, de [https://www.infopedia.pt/\\$setores-da-atividade-economica](https://www.infopedia.pt/$setores-da-atividade-economica)
- Ionescu-Somers, A., & Tarnawa, A. (2020). *Diagnosing COVID-19 Impacts on Entrepreneurship : Exploring policy remedies for recovery*. London: Global Entrepreneurship Research Association (GERA). Obtido de <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=50521>

- Ireland, D. R., Hitt, M. A., & Sirmon, D. G. (2003). A Model of Strategic Entrepreneurship: The Construct and its Dimensions. *Journal of Management*, 29(6), 963-989. Obtido de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0149206303000862>
- Kirzner, I. M. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press .
- Kot, S. (2018). Sustainable Supply Chain Management in Small and Medium Enterprises. *Sustainability*, 10(4), 1143. doi:<https://doi.org/10.3390/su10041143>
- Kuratko, D. F. (2005). The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. *Entrepreneurship theory and practice*, 29(5), 577-597. Obtido de https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x?casa_token=_duE1D1S5fkAAAAA:OgD5o66toeuhICDKq9jBtONRQVn6rIHNVEM7y07PCPICARyebGidpIK7yg4MrsIHr8cg2palZ1Sb
- Kuratko, D. F., & Hodgetts, R. M. (2004). *Entrepreneurship : theory, process, practice*. Mason, Ohio : Thomson/South-Western.
- Letaifa, S. B. (2016). How social entrepreneurship emerges, develops and internationalises during political and economic transitions. *European journal of international management*, 10(4), 455-466. Obtido de <https://www.inderscienceonline.com/doi/abs/10.1504/EJIM.2016.077424>
- Lindh, I., & Thorgren, S. (2016). Entrepreneurship education: the role of local business. *Entrepreneurship & Regional Development*, 28(5-6), 313-336. doi:<https://doi.org/10.1080/08985626.2015.1134678>
- Lopes, M. A. (2017). Escolhas estratégicas para o agronegócio brasileiro. *Revista de Política Agrícola*, 26(1), 151-154. Obtido de <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1252/1042>
- Manteu, C., Monteiro, N., & Sequeira, A. (2020). *O impacto de curto prazo da pandemia Covid-19 nas empresas portuguesas*. Lisboa: Departamento de Estudos Económicos. Obtido de https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/papers/op202003_pt.pdf
- Marsden, T., Banks, J., & Bristow, G. (2000). Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. *Sociologia Ruralis*, 40(4), 424-438. doi:<https://doi.org/10.1111/1467-9523.00158>
- Martins, J. C., & Saúde, J. M. (2020). Pandemia COVID-19. *Gazeta Médica*, 7(1), 1. Obtido de <https://www.gazetamedica.com/index.php/gazeta/article/view/312/196>
- Martins, J. M. (2017). *À Descoberta do Novo Empreendedorismo & Intra-empreendedorismo*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, K. S., Aveni, A., & Gonçalves, J. C. (2020). Características e indicadores de impacto financeiros dos empreendedores sociais. *Revista coleta científica*, 4(8), 31-46. Obtido de <http://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/24>

- Medeiros, M. M. (2018). *Caracterização dos empreendimentos e perfil dos empreendedores do centro comercial de São Pedro do Potengi - RN*. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Obtido de <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/2347>
- Mendes, I. C. (2015). *O empreendedorismo como uma alternativa profissional atual : estudo comparativo entre Cabo Verde e Portugal*. (Doctoral dissertation). Obtido de <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/4632>
- Morris, M. H., Santos, S. C., & Kuratko, D. F. (2020). The great divides in social entrepreneurship and where they lead us. *Small Business Economics* , 57(3), 1089–1106. Obtido de <https://link.springer.com/article/10.1007/s11187-020-00318-y>
- Mota, A., Ratten, V., & Braga, V. (2019). *Entrepreneurship Motivation: Opportunity and Necessity*. (V. Ratten, P. Jones, V. Braga, & C. Marques, Edits.) Sustainable Entrepreneurship: Springer, Cham. Obtido de https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-12342-0_8
- Mueller, P., Stel, A. V., & Storey, D. J. (2008). The effects of new firm formation on regional development over time : The case of Great Britian. *Small Business Economics*, 30(1), 59-71. doi:10.1007/s11187-007-9056-z
- Mykolaivna, R. A. (2017). Social entrepreneurship as the main resource for the regional development. *Marketing and Management of Innovations*, 311-318. Obtido de https://mmi.fem.sumdu.edu.ua/sites/default/files/mmi2017_1_311_318.pdf
- Naffziger, D. W., Homsby, J. S., & Kuratko, D. F. (1994). A Proposed Research Model of Entrepreneurial Motivation. *Entrepreneurship theory and practice*, 18(3), 29-42. doi:<https://doi.org/10.1177/104225879401800303>
- Noorderhaven, N., Thurik, R., Wennekers, S., & Stel, A. v. (2004). The Role of Dissatisfaction and per Capita Income in Explaining Self–Employment across 15 European Countries. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28(5), 447-466. Obtido de https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1111/j.1540-6520.2004.00057.x?casa_token=Wol0Q97MX5EAAAAA:N9J0roVzEsqg1ISaq7KFXa3dRdi mab6FFvMeNPkwzpayrgfaJ8vc-Tllomdd1WEQwK1crQNfli3RA
- Notícias de Aguiar. (4 de Janeiro de 2023). Pandemia de Covid-19 marcou o ano de 2020. *Noticias de Aguiar*, p. 1. Obtido de Noticias de Aguiar: <https://noticiasdeaguiar.pt/pandemia-de-covid-19-marcou-o-ano-de-2020/>
- Oliveira, F. M. (Maio de 2012). Empreendedorismo: teoria e prática. *Especialize : revista online*, 1-13.
- Opratescu, E. M. (2012). Competitiveness in regional development. *Annals of the University of Petroșani, Economics*,, 12(4), 169-176. Obtido de <https://www.upet.ro/annals/economics/pdf/2012/part4/Opratescu.pdf>
- Pandit, D., Joshi, M. P., & Tiwari, S. R. (2018). Examining Entrepreneurial Intention in Higher Education: An Exploratory Study of College Students in India. *The journal of*

- Entrepreneurship*, 27(1), 25-46. Obtido de https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0971355717738595?casa_token=ma9O1AHzSrgAAAAA:7mGRa_f8U1jK4MUTrVO-0HtXG91e81xB_GjadutTC7jr0eWYIBH0m7JNopsbcehsf6-yVeNFqdUt
- Parker, S. C. (2009). Why do small firms produce the entrepreneurs? *The Journal of Socio-Economics*, 38(3), 484-494. doi:<https://doi.org/10.1016/j.socec.2008.07.013>
- Passmore, J. (2016). *Excellence in coaching : the industry guide* (3 ed.). (J. Passmore, Ed.) London: Philadelphia : Kogan Page.
- Pike, A., Rodríguez-Pose, A., & Tomaney, J. (2016). *Local and Regional Development* (2 ed.). London: Routledge.
- Reynolds, P., Storey, D. J., & Westhead, P. (1994). Cross-national Comparisons of the Variation in New Firm Formation Rates. *Regional Studies*, 28(4), 443-456. doi:<https://doi.org/10.1080/00343409412331348386>
- Rodrigues, N. M. (2015). *O empreendedorismo como fator de desenvolvimento socioeconómico das nações : um estudo comparativo entre a União Europeia e a América Latina com base nos relatórios GEM de 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011*. (Master's thesis).
- Salman, D. M. (2016). What is the role of public policies to robust international entrepreneurial activities on economic growth? Evidence from cross countries study. *Future Business Journal*, 2(1), 1-14. doi:<https://doi.org/10.1016/j.fbj.2016.02.001>
- SANTANA, E. M. (2020). *Estratégias intra empreendedoras e suas práticas no serviço público: caso EMBRAPA mandioca e fruticultura na cidade de Cruz das Almas-BA*.
- Sant'Anna, A. S., Nelson, R. E., & Oliveira, F. B. (2011). Empreendedorismo e o desenvolvimento do turismo na cidade de Tiradentes. *Revista acadêmica observatório de inovação do turismo*, 6(1). Obtido de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5787/4499>
- Sant'Anna, A. S., Oliveira, F. B., & Diniz, D. M. (2012). Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades : Uma análise sob a perspectiva de Bourdieu . *Gestão & Sociedade*, 6(15), 378-406. Obtido de <https://ges.emnuvens.com.br/gestaoesociedade/article/view/1642>
- Santos, P. C., Minuzzi, J., Garcia, J. R., & Lezana, Á. G. (2007). Empreender por oportunidade versus necessidade: um estudo com empreendedores catarinenses. Obtido de http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2007_tr630470_9378.pdf
- Santos, V. (2019). *Projeto: PGI - Plataforma de Gestão de Informação*. (Master's thesis). Obtido de <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/12907>
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e inovação* (3 ed.). Lisboa: Escolar Editora.

- Van Stel, A., & Storey, D. (2004). The Link between Firm Births and Job Creation: Is there a Upas Tree Effect? *Regional Studies*, 38(8), 893-909. doi:<https://doi.org/10.1080/0034340042000280929>
- Vicenzi, S. E., & Bulgacov, S. (2013). Fatores motivadores do empreendedorismo e as decisões estratégicas de pequenas empresas. *Revista de Ciências da Administração*, 15(3), 208-221. Obtido de <https://www.redalyc.org/pdf/2735/273528929016.pdf>
- Vieira, V. G. (2021). *Framework de mensuração do empreendedorismo social para países em desenvolvimento*. (Master's thesis), Universidade Federal de Campina Grande, Brasil. Obtido de <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/21044>
- Viitaharju, L., Lähdesmäki, M., Kurki, S., & Valkosalo, P. (2005). *Food Supply Chains in Lagging Rural Regions of Finland: an SME Perspective*. Seinäjoki: Publications 4. Obtido de <https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/17733/Publications4.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Walsh, J., & Winsor, B. (2019). Socio-cultural barriers to developing a regional entrepreneurial ecosystem. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 13(3), 263-282. doi:<https://doi.org/10.1108/JEC-11-2018-0088>
- Westlund, H., & Adam, F. (2010). Social Capital and Economic Performance: A Meta-analysis of 65 Studies. *European Planning Studies*, 18(6), 893-919. doi:<https://doi.org/10.1080/09654311003701431>